

O IMPACTO DOS MERCADOS EMERGENTES NA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES ARGENTINAS E BRASILEIRAS.

Virginia Laura Fernández¹, Marcelo Luiz Curado²

Resumo:

O objetivo geral deste trabalho é analisar a evolução da estrutura de exportações da Argentina e do Brasil entre 1985 e 2010, por meio da matriz de competitividade desenvolvida por Fajnzylber e Mandeng. Especificamente, busca-se identificar alguns nexos de causalidade entre a forma que adquire a matriz de competitividade ao longo do tempo e a característica de alguns mercados analisados (OCDE, MERCOSUL, Ásia em Desenvolvimento e MUNDO), tendo como lente de análise a relevância, para a competitividade, dos recursos naturais e das manufaturas não baseadas em recursos naturais. Os resultados confirmam que os mercados dos países emergentes favorecem as exportações mais dinâmicas e competitivas da Argentina e do Brasil. Entretanto, enquanto as exportações argentinas e brasileiras ao MERCOSUL estão compostas por manufaturas mais sofisticadas, as exportações à Ásia em Desenvolvimento são quase em sua totalidade de recursos naturais e *commodities*.

Palavras-chave: Padrão de Exportações da Argentina e do Brasil, Matriz Competitividade Fajnzylber-Mandeng, Recursos Naturais.

Abstract:

The general objective of this work is to analyze the evolution of the export structure of Argentina and Brazil between 1985 and 2010, through the competitiveness matrix developed by Fajnzylber and Mandeng. The specific objective is to identify some links between the form it takes competitiveness matrix over time and the characteristic of some markets analyzed (OECD, MERCOSUR, Asia Developing and WORLD) as an analytical lens relevance, for competitiveness, natural resources and manufactured goods not based on natural resources. The results confirm that the markets of emerging countries favor the most dynamic and competitive exports from Argentina and Brazil. However, while the Argentine and Brazilian exports to MERCOSUR are composed of more sophisticated manufactures, exports to Asia in development are almost entirely natural resources and commodities.

Keywords: Export Pattern of Argentine and Brazil, Competitiveness Matrix Fajnzylber Mandeng, Natural Resources

Área 7 - Economia Internacional

JEL: F10, O54, Q18

¹ Estágio Pós-doutoral do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/UFPR). Professora da Facultad de Ciencia Política y Relaciones Internacionales da Universidad Nacional de Rosario, Argentina. Doutora em Desenvolvimento Econômico pela UFPR. E-mail: virginalaurafernandez@yahoo.com.ar.

² Doutor em Economia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Econômico da Universidade Federal do Paraná (PPGDE/UFPR). E-mail: mlcurado@gmail.com

1. Introdução

As economias latino-americanas, historicamente, caracterizaram-se por possuírem estruturas produtivas muito heterogêneas – em que coexistiam setores de alta tecnologia e produtividade com setores de baixíssima produtividade – com escassa diversificação produtiva, grande dependência do capital estrangeiro, baixa participação dos trabalhadores na renda nacional e uma balança comercial fortemente dependente das exportações de produtos primários e *commodities*.

Para um conjunto de autores latino-americanos (Raúl Prebisch, Celso Furtado e Fernando Fajnzylber, dentre outros), que contribuíram com o desenvolvimento do pensamento estruturalista da região e que influenciaram em grande medida a constituição e o fortalecimento da Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL), tais características limitaram o potencial de crescimento e desenvolvimento da região, já que a inserção externa e seu lugar na divisão internacional do trabalho foi definida pela dependência externa. Em primeiro lugar, dependência da demanda, já que a exportação de produtos primários e a determinação dos preços das *commodities* locais não eram definidos pelas próprias economias, mas pela dinâmica do mercado internacional – altamente volátil e instável. Por sua vez, a dependência foi reforçada pelos fluxos de capital externo, que operavam como restrição externa ao crescimento do investimento e financiamento das economias da região.

O processo de industrialização e a diversificação da pauta de exportação, especialmente entre 1950-1980, reduziram relativamente, mas não resolveram o problema da dependência externa. Os desequilíbrios comerciais e a vulnerabilidade externa permaneceram como fenômenos recorrentes, justificando sua presença como tema da análise econômica cepalina. Bielschowsky (1998, pp.31), por exemplo, sustenta que: “Com variações adaptativas aos diversos contextos de comércio internacional e às variadas condições de financiamento internacional, o argumento da vulnerabilidade externa acompanha as cinco décadas de reflexão cepalina”.

As mudanças ocorridas no comércio internacional a partir dos primeiros anos do século XXI, especialmente a entrada da China e o processo de reprimarização da pauta exportadora da América Latina deram novo fôlego às investigações na área em nível internacional³. É neste contexto que está inserida a contribuição deste trabalho.

Neste artigo serão analisadas as particularidades do padrão de exportações e de competitividade internacional da Argentina e do Brasil na nova ordem mundial, caracterizada pelas mudanças radicais nos padrões mundiais de produção, consumo e intercâmbio comercial. Entretanto, destaca-se a relevância de utilizar um corpo teórico próprio – latino-americano – para interpretar seus processos de crescimento e desenvolvimento.

Assim, o objetivo principal é analisar o padrão de exportações da Argentina e do Brasil, aplicando a matriz de competitividade de Fajnzylber e Mandeng para o período 1985-2010. Mais especificamente, busca-se identificar alguns nexos de causalidade entre a forma que adquire a matriz de competitividade ao longo do tempo e a característica de alguns mercados analisados (OCDE, MERCOSUL, Ásia em Desenvolvimento e MUNDO), tendo como lente de análise a relevância, para a competitividade, dos recursos naturais e das manufaturas não baseadas em recursos naturais. Finalmente, discute-se a utilidade do uso desta matriz para identificar as mudanças estruturais que ocorreram nos padrões de consumo, produção e comércio internacional no começo do século XXI.

Os resultados confirmam que os mercados dos países emergentes favorecem as exportações mais dinâmicas e competitivas da Argentina e do Brasil. Entretanto, enquanto as exportações argentinas e brasileiras ao MERCOSUL estão compostas por manufaturas mais sofisticadas, as exportações à Ásia em Desenvolvimento são quase em sua totalidade de recursos naturais e *commodities*.

Importa sublinhar, neste ponto, que o pensamento econômico brasileiro convencional vem relativizando, quando não menosprezando, a relevância política e econômica do MERCOSUL, sob argumento de que os custos e restrições para o livre comércio prejudicavam o Brasil. Os resultados deste estudo, porém, mostram o contrário. Como se verá, o mercado para o qual o Brasil mantém a melhor matriz

³ Só para citar um exemplo da importância deste debate, em 2015 a *Latin American Perspectives*, Issue 205, Vol. 42 No. 6, dedicou um número exclusivo à discussão sobre os impactos da China para a América Latina, com foco nas relações comerciais e na discussão sobre os impactos da reprimarização da pauta exportadora latino-americana.

de competitividade (grande presença de exportações em Situação Ótima e em grupos dinâmicos em geral) durante todos os subperíodos analisados é o MERCOSUL, sobretudo se diferenciarmos em termos de qualidade. Ou seja, é apenas a este mercado que os produtos com alto valor agregado crescem em volume e participação dentro das exportações brasileiras. Isso notavelmente não ocorreu com as exportações à OCDE e muito menos à AD, as que apesar de estar entre as Situação Ótima e nos grupos dinâmicos, se concentram em recursos naturais e *commodities*.

A metodologia de análise combina os elementos conceituais da matriz de competitividade de Fajnzylber e Mandeng e do *Competitiveness Analysis of Nations* (CAN) desenvolvidos em 1991 por Fajnzylber em “Inserción internacional e innovación institucional” e Mandeng em “Competitividad internacional y especialización”, na Revista da CEPAL. A fonte de informação é a base de dados TradeCAN da CEPAL, que conglomerava mais de 90% do comércio internacional e agrupa informação de 73 países. É importante mencionar que apesar de a base de dados ter surgido dos trabalhos conjuntos dos autores mencionados, não tem sido muito utilizada com a finalidade de analisar a competitividade dos países, nos últimos anos. Por esta razão, a proposta de utilizar dita metodologia implica um esforço adicional de pesquisa, operacionalização e verificação do sistema. Por isso, ainda que se tenha utilizado o TradeCAN, em alguns casos foram efetuados cálculos manuais que coincidiram pontualmente com os derivados do software.

O artigo está organizado da seguinte forma. Após esta breve introdução, a seção 2 faz uma apresentação dos principais conceitos da matriz de competitividade de Fajnzylber e Mandeng, e da forma como se insere na discussão teórica estruturalista sobre a dependência dos recursos naturais. A seção 3 apresenta uma atualização da matriz de competitividade argentina e brasileira para os períodos 1985-1990, 1990-2000, 2000-2007 e 2007-2010. Na seção 4 são realizadas algumas reflexões sobre a utilidade do uso da matriz de competitividade de Fajnzylber e Mandeng para analisar diversos contextos. Finalmente, a seção 5 apresenta as considerações finais do trabalho.

2. A Matriz de Competitividade de Fajnzylber e Mandeng

Em 1991 Fernando Fajnzylber e Ousmène Mandeng publicaram artigos na revista da CEPAL analisando a relação entre os padrões de exportação e competitividade dos países. O objetivo básico deles era contribuir com ferramentas para o desenho de estratégias e políticas nacionais e setoriais para as economias da AL. O objetivo imediato era analisar a estrutura das exportações de vários países, principalmente latino-americanos, e seu nível de competitividade para o decênio de 1979/1988.

Com a finalidade de interpretar a base de dados do comércio mundial, da Oficina de Estatística das Nações Unidas, desenvolveram um sistema de análise, sem precedentes mencionados, que nos atrevemos a denominar “metodologia Fajnzylber-Mandeng”. Esta metodologia trabalha conceitos como posicionamento e eficiência, os quais resultam em uma classificação quaternária – designada matriz da competitividade – que permite verificar a competitividade setorial de um país em relação à expansão da demanda. Esta forma de analisar o padrão de inserção internacional dos países resultou, inclusive, em um software desenvolvido pela CEPAL: o TradeCAN.

Esta metodologia – seu modelo, conceitos e classificações – será utilizada para analisar a estrutura de exportações da Argentina, entre 1985 e 2007, e portanto merece ser apresentada detalhadamente. Antes, no entanto, será realizada uma breve apresentação das conclusões que Fajnzylber alcançou, no começo dos anos 90, sobre as exportações das economias latino-americanas (e de outros países em desenvolvimento) e seu nível de competitividade, que servirão de parâmetro para nossa análise.

Em seu artigo o autor destaca quatro pontos de relevância para nossa pesquisa, nos quais relaciona a competitividade dos países com os recursos naturais. O primeiro é que os países ganhadores (de um total de 51 países analisados, os que ganharam espaço no mercado da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos⁴ - OCDE- entre 1979 e 1988) têm um padrão de exportações menos baseado

⁴ Embora atualmente sejam 34 países integrantes da OCDE, este trabalho, para manter certa coerência analítica e possibilitar uma comparação mais fiel, considera apenas 24 países, que integravam à OCDE à época da análise de Fajnzylber e Mandeng. Quais sejam: Alemanha, Austrália, Áustria, Bélgica, Canadá, Dinamarca, Espanha, Estados Unidos, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Islândia, Israel, Itália, Japão, Luxemburgo, Noruega, Nova Zelândia, Holanda, Portugal, Reino Unido, Suécia, Suíça. Quando este trabalho fale em OCDE são esses os países considerados.

em recursos naturais que os perdedores.

En el grupo de ganadores predominan las exportaciones que no están basadas en recursos naturales (58%), las que equivalen a más de dos y media veces las exportaciones de recursos naturales, incluido el petróleo (21%). En los “perdedores”, en cambio, las exportaciones más importantes son las de recursos naturales, incluido el petróleo (50%), mientras que las exportaciones de manufacturas no basadas en recursos naturales constituyen el 30%. El peso relativo de las manufacturas basadas en recursos naturales es idéntico en ambos casos” (Fajnzylber, 1991:156).

O segundo ponto é que existem países membros da OCDE que mantêm uma inserção externa superavitária em atividades ligadas aos recursos naturais, e deficitária no setor manufatureiro, como Canadá, EUA, Noruega, Dinamarca e Reino Unido, nos quais o progresso técnico da indústria manufatureira está inexoravelmente aliado aos recursos naturais. Fajnzylber ressalta:

Esta industrialización que asume la potencialidad de los recursos naturales (en marcado contraste con la experiencia latinoamericana) tiene efectos directos sobre la capacidad de estos países para impulsar no sólo una nueva concepción económica que integra progreso técnico, recursos naturales y medio ambiente sino, lo que es aún más importante, para desencadenar una amplia gama de innovaciones tecnológicas con este propósito” (1991:167).

Um terceiro elemento de análise é que América Latina não é o principal fornecedor de recursos naturais da OCDE e do mundo. Em 1989 a região participava apenas com 10% das importações de recursos naturais e 5% das manufaturas baseadas em recursos naturais (Fajnzylber, 1991: 171).

Aun cuando los recursos naturales son muy importantes para la inserción de América Latina en el comercio internacional, esta región es sólo un componente modesto del conjunto de países que satisfacen las necesidades internacionales de recursos naturales (Fajnzylber, 1991:167).

Finalmente, o autor menciona que no período analisado as importações de manufaturas baseadas em recursos naturais da OCDE reduziram sua participação, passando de ser a terceira parte do total a uma quarta parte. Isto “refleja y confirma la tendencia a la reducción del uso de recursos naturales y particularmente de energía en la actividad económica de los países desarrollados” (Fajnzylber, 1991: 169). Este ponto, numa concepção de competitividade condicionada pela demanda, preocupou ao autor e instou-o a sugerir estratégias de política econômica para modificar o padrão de exportações das economias da AL.

Estas observações serão confrontadas com os dados para a Argentina e Brasil entre 1985 e 2010. Vale salientar que houve um elemento que não foi considerado pelo autor (nem poderia ter sido, já que Fajnzylber morreu em 1991) e que é muito importante na análise do comportamento do comércio internacional do período: a ascensão da China, Índia e outros países emergentes no mercado produtivo e de consumo mundial, o que reverteria tal tendência ao estancamento da demanda por recursos naturais básicos e manufaturados.

2.1. Os conceitos e a metodologia: a definição de competitividade

Embora a metodologia que Fajnzylber e Mandeng desenvolveram trabalhe com os mesmos dados e um único modelo, os termos utilizados pelos autores não são sempre coincidentes. Isto é devido aos objetivos pessoais de cada um, e também ao fato de que o artigo de Mandeng foi escrito originalmente em inglês e logo traduzido ao espanhol, motivo pelo qual alguns termos diferem, mas não atrapalham a compreensão do modelo.

No entanto, os pontos de vista dos autores influem muito sobre os conceitos e a abordagem dos dados. Fajnzylber, mais preocupado com as estratégias dos países, cria um sistema de classificação a partir dos conceitos posicionamento e eficiência, os quais, dependendo sejam favoráveis ou não, geram quatro possibilidades: a matriz de competitividade.

Mandeng, por sua vez, mais interessado em explicar as regras gerais da competitividade e garantir que a metodologia desenvolvida seja válida, trabalha com conceitos como atração de mercado,

especialização e adaptabilidade.

Todos os termos são fundamentais para interpretar o conceito de competitividade proposto pelos autores: a variação da presença de cada país no mercado da OCDE.

Ou seja, a metodologia Fajnzylber-Mandeng, para mensurar a competitividade de um país, analisa simultaneamente os dados das estruturas de exportações dos países e da estrutura de importações da OCDE. Então, define-os como ganhadores ou perdedores, e a partir daí aplica a matriz de competitividade para verificar quais os grupos de atividade ganharam ou perderam participação de mercado. Neste contexto a discussão sobre os recursos naturais, a tecnologia e a matriz produtiva de um país recebe destaque:

Los aspectos que más peso parecen tener en la competitividad son la participación de las exportaciones de manufacturas no basadas en recursos naturales y el dinamismo de las economías nacionales. Pero aún en esos casos, la evidencia empírica está lejos de ser concluyente (Fajnzylber, 1991:150).

Sobre os mencionados conceitos, Fajnzylber define o posicionamento como “el dinamismo relativo de un rubro determinado en las importaciones de la OCDE, calificándolo de favorable cuando dicha participación aumenta y desfavorable cuando ella disminuye” (1991: 151).

Por sua parte, Mandeng, associando o conceito de posicionamento com o de poder de atração do mercado, afirma que o mesmo “se refiere a las variaciones estructurales provocadas ya sea por la demanda o por la oferta, en la estructura total de las importaciones de la OCDE” (Mandeng, 1991 a: 26).

Portanto, quando se mede o posicionamento analisam-se de maneira dinâmica todos os grupos exportados pelo país com relação aos grupos importados pela OCDE. Desta forma, o posicionamento é favorável quando os grupos exportados encontram-se entre os que tiveram um aumento na demanda da OCDE.

A eficiência, por sua vez, é entendida como a “participación relativa del país en un rubro determinado, considerándola alta cuando dicha participación en las importaciones de la OCDE aumenta, y baja cuando disminuye” (Fajnzylber, 1991:151).

De outro ponto de vista, pode-se analisar a eficiência das exportações através da especialização de cada país. Segundo Mandeng, “para cada país, la especialización se refiere a la importancia de un sector determinado con relación a su posición competitiva global y/o en relación con una estructura de mercado” (1991a:26).

Em outras palavras, a eficiência mede a participação de um país em um determinado grupo importado pela OCDE. Assim, a eficiência é alta quando aumenta a participação de mercado em um determinado grupo, independentemente se aquele grupo ganhou ou perdeu espaço na demanda da OCDE. Como síntese dos conceitos:

Se está mal posicionado cuando se exportan rubros de bajo dinamismo relativo, y se es poco eficiente cuando, cualesquiera sean los rubros en los que se participa, dicha participación disminuye respecto a la de otros países que exportan a la región indicada. (Fajnzylber, 1991: 151)

Para os autores, e mais especificamente para Fajnzylber, a eficiência global dos países permitiu classificá-los de ganhadores ou perdedores, dependendo se sua participação no mercado da OCDE cresceu ou decresceu. Dita diferenciação original orientou-o para explicar por que e como os países conseguiram ganhar ou perder espaço nessa arena, e qual a relação com a competitividade.

A modo de exemplo, vejam-se os casos da Argentina e do Brasil (principal sócio comercial da primeira), dois países que interessam para nossa pesquisa. No período estudado por Fajnzylber, Argentina reduziu sua participação no mercado da OCDE, de 0,4% a 0,25%, motivo pelo qual é considerada “perdedora”. Em contrapartida, a variação da participação do Brasil aumentou em 20%, obtendo em 1988 uma quota de mercado de 1,19. Por isto, é incluído entre os países “ganhadores”. (1991: 154, 155)

Depois de diferenciar os países entre ganhadores e perdedores, Fajnzylber analisa a composição de suas exportações combinando os conceitos de eficiência e posicionamento. Tal combinação, que permite identificar quatro situações do padrão de exportações, é chamada pelos autores de matriz de competitividade:

a) posicionamento favorável e eficiência alta, denominada situação ótima;

As exportações que são de situação ótima correspondem à parte do comércio na qual o país se especializa, ou seja, que tem uma vantagem produtiva sobre os outros oferentes e que, por sua vez, tais grupos tem uma demanda crescente por parte da OCDE (grupos dinâmicos). Quando um país tem uma grande proporção de suas exportações em situação ótima, significa que é competitivo produtivamente e que está especializado em setores que estão ganhando espaço no mercado da OCDE.

b) posicionamento desfavorável e eficiência alta; denominada situação de vulnerabilidade.

A situação de vulnerabilidade refere-se a que o país está especializando-se ou sendo mais competitivo em grupos que estão perdendo dinamismo no mercado da OCDE. Desta maneira, remete a uma situação presente (relativa ao período analisado) com resultado positivo, porém, poderia indicar perspectivas futuras negativas em caso que tal decadência da demanda reforce-se no tempo. Para o caso da AL, onde os recursos naturais são preponderantes na definição do padrão de especialização comercial, uma tendência à redução da demanda por estes bens poderia evidenciar a vulnerabilidade de suas exportações.

c) posicionamento favorável e eficiência baixa, denominada oportunidades perdidas;

As oportunidades perdidas, por sua parte, são as exportações relativas aos grupos que estão se dinamizando em relação à demanda da OCDE, mas cuja quota de mercado do país analisado está diminuindo com relação a outros fornecedores. Poder-se-ia dizer que a estrutura de exportações do país nesses grupos não estaria se adaptando às mudanças na estrutura importadora da OCDE. Neste caso também é relevante indagar sobre a duração desta tendência, já que se for conjuntural não é preciso uma mudança na orientação do comércio, mas caso persista, é importante reorientar a política comercial para retornar aos níveis de competitividade já alcançados, ou melhorá-los.

d) posicionamento desfavorável e eficiência baixa, denominada situação de retirada;

As exportações em situação de retirada refletem os grupos nos quais o país está perdendo quota de mercado e, por sua vez, a demanda destes grupos está decrescendo por parte da OCDE. Esta classificação da matriz de competitividade não é sempre negativa, já que poderia estar apresentando uma situação de adaptabilidade por parte da estrutura de exportações do país às mudanças nas importações da OCDE.

Importa dizer que a classificação permite analisar a proximidade ou distanciamento que existe entre a estrutura de exportações dos países e a estrutura de importações da OCDE e, partindo disso, detectar quais são os elementos que podem dificultar ou favorecer o padrão de exportações de cada país.

Para a Argentina e o Brasil, os dados da matriz de competitividade para o período 1979/1988 são os seguintes:

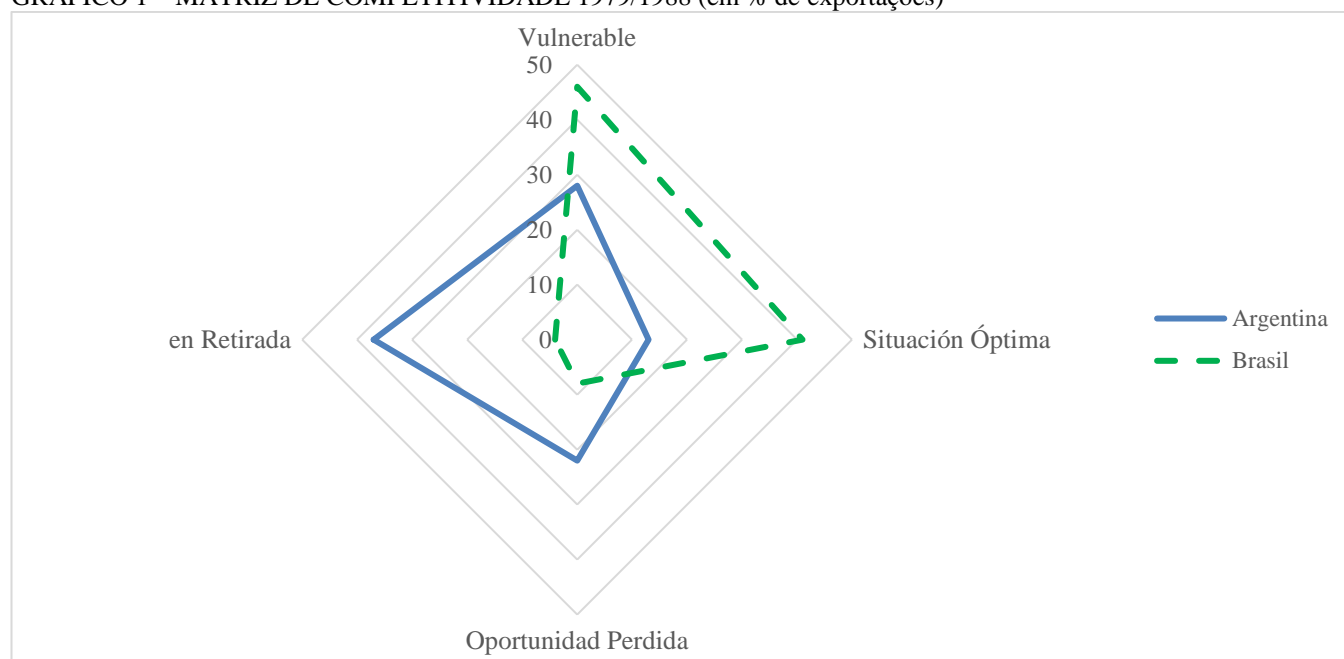
TABELA 1 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE 1979/1988 (como % do total de exportações)

| Países | Vulnerável | Situação Ótima | Oportunidade Perdida | em Retirada |
|-----------|------------|----------------|----------------------|-------------|
| Argentina | 28 | 13 | 22 | 37 |
| Brasil | 46 | 41 | 8 | 4 |

Fonte: Fajnzylber 1991: 154-155

Como pode ser visto, o Brasil, como país ganhador, tem uma porcentagem de exportações em situação ótima muito elevada, e em situação de retirada e de oportunidades perdidas muito baixas. Para Argentina, país perdedor de mercado, a situação é inversa. A seguir se apresentam as matrizes argentina e brasileira, em forma de radiais:

GRÁFICO 1 – MATRIZ DE COMPETITIVIDADE 1979/1988 (em % de exportações)



Fonte: Elaboração própria com base em Fajnzylber 1991

Finalmente, como já foi mencionado, o progresso técnico incide de maneira integral na competitividade. Por um lado, pela via do posicionamento – devido a que em geral o dinamismo está associado com o conteúdo tecnológico dos produtos em termos de desenho e industrialização. Por outro lado, pela via da eficiência produtiva, isto é, pela capacidade sistêmica e organizativa da produção em níveis de fronteira, semelhantes à produtividade dos concorrentes no mercado internacional⁵.

Passa-se, agora, à análise da composição das exportações. Como dito anteriormente, os países que têm exportações concentradas em recursos naturais (RRNN) tendem a ser perdedores de mercado. Contrariamente, os que tem uma estrutura preponderante em manufaturas não baseadas em recursos naturais tendem a ser ganhadores. Para Argentina e Brasil não é diferente:

TABELA 2 - ESTRUTURA DE EXPORTAÇÕES EM 1988 (em %)

| Países | RRNN | Energia | Manufaturas | |
|-----------|------|---------|--------------|------------------|
| | | | Baseada RRNN | Não Baseada RRNN |
| Argentina | 36 | 3 | 43 | 18 |
| Brasil | 30 | 3 | 29 | 38 |

Fonte: Fajnzylber 1991:154-155

2.2. O modelo

O modelo proposto por Mandeng (1991 a, b) deriva da adaptação do *Constant Market Share Analysis* (CMSA)⁶, que serve para analisar a competitividade das empresas no mercado mundial. Ou seja, foi ineditamente adaptado para descrever e identificar mudanças no paradigma de competitividade e especialização dos países no comércio mundial.

Neste modelo parte-se de uma equação única do CMSA⁷, que é reduzida, por sua vez, a um enfoque bidimensional (competitividade setorial e adaptabilidade ao mercado). A análise baseia-se no conceito e

⁵ O posicionamento e a eficiência podem ser interpretados como uma proxy das perspectivas keynesiana e schumpeteriana, respectivamente, sobre a dinâmica das exportações dos países.

⁶ Um breve detalhe do CMSA encontra-se em Magee (1975).

⁷ O CMSA considera quatro elementos que influenciam a evolução da participação global de um país no mercado: a) crescimento do comércio mundial, b) crescimento diferencial por produtos, c) crescimento diferencial do mercado, e d) um resíduo ou fator competitivo.

metodologia *Competitive Analysis of Nations* (CAN), segundo os quais, a posição global de uma economia está determinada pela sua competitividade setorial e pela sua capacidade para se adaptar à evolução da estrutura do mercado. O enfoque supõe que a estrutura do mercado é atomística e que cada setor é pequeno o suficiente para não influenciar no padrão global das importações.

Desta maneira, a análise mede a participação global de um país nas importações da OCDE como função de fatores estruturais e competitivos. Estes podem ser resumidos em função da competitividade setorial, da capacidade de adaptação às condições do mercado e das vantagens comparativas. Por questões de simplicidade considera-se que as vantagens comparativas são um fator de competitividade e, portanto, estão incorporadas na mesma. (Mandeng 1991a: 27).

Assim, a participação total de um país (S_j) num momento determinado será igual ao produto ponderado da participação de suas importações de determinado grupo setorial (s_{ij}) e a relevância de dito grupo nas importações do mercado (S_i).

$$1) \quad S_j = \sum_{i=1}^n \frac{M_{ij}M_i}{M_iM} = \sum_{i=1}^n s_{ij}S_i$$

Onde:

i : é um produto ou grupo setorial denominado grupo.

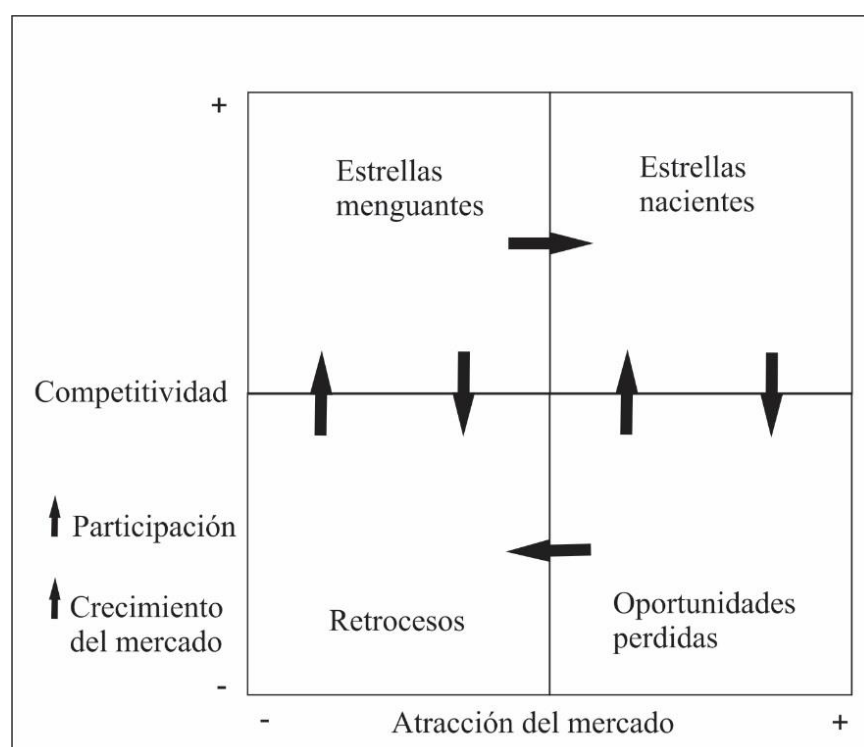
j : é um país.

M : são as importações totais da OCDE

As variações de S_j no tempo, determinam-se para avaliar a orientação da competitividade com relação às estruturas cambiantes do mercado. A hipótese de participação constante requer que $\Delta S_j = 0$ e a evolução diferencial dos grupos (ou atrativo mercantil) obtém-se por variações de s_i .

A seguir, elabora-se uma matriz 2x2, matriz de competitividade, baseada na equação (1), na qual o eixo horizontal mede a evolução dos grupos (Δs_i) e o eixo vertical mede a evolução do país (Δs_{ij}). Desta maneira encontram-se os grupos ascendentes quando $\Delta s_i \geq 0$, e os países competitivos em determinados grupos, quando $\Delta s_{ij} \geq 0$.

FIGURA 1- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE



Fonte: Mandeng 1991 a: 28

A matriz de competitividade resume, como já visto, os casos potenciais para cada país. Seguindo a denominação utilizada por Fajnzylber.

Situação ótima (Estrellas nacientes): grupos ascendentes nos quais o país ganha participação de mercado.

Vulneráveis (Estrellas minguantes): grupos descendentes nos quais o país ganha participação de mercado.

Oportunidades perdidas: grupos ascendentes nos quais o país perde participação de mercado.

Situação em retirada (Retrocesos): grupos descendentes nos quais o país perde participação de mercado.

Além disso, podemos conhecer a importância relativa que tem cada posição competitiva da matriz, através da estrutura comercial do país. Para isso define-se a variável c_{ij} que mede a contribuição de cada grupo para um país determinado, em que $c_{ij} = M_{ij}/M_j$. E, por sua vez, as variações de c_{ij} mostram a diversificação de dita estrutura comercial. Sendo $\Delta c_{ij} \geq 0$ quando cresce a contribuição do grupo e $\Delta c_{ij} < 0$ quando diminui.

Assim, a *especialização de mercado*, k , relaciona a contribuição de cada grupo para um país com a estrutura de importações da OCDE.

$$2) \quad k_{ij} = \frac{c_{ij}}{s_i} \text{ e } k_{ij} = \frac{s_{ij}^8}{s_j} \text{ sendo que } k_{ij} \geq 1 \text{ para os grupos em que o país se especializa.}$$

Desta maneira, as *variações em* k_{ij} estão determinadas pelas variações em c_{ij} e s_i e refletem a *proximidade ou distanciamento que tem a estrutura de comércio com relação à estrutura de importações da OCDE*. Sendo $\Delta k_{ij} \geq 0$ para o primeiro caso e $\Delta k_{ij} < 0$ para o segundo.

$$3) \quad \Delta c_{ij} \geq \Delta s_i \Rightarrow \Delta k_{ij} \geq 0$$

Assim, Δk apresenta a *interação entre as mudanças na estrutura comercial de um país e a evolução da estrutura do mercado*, sendo k_{inc} para os grupos crescentes e k_{dec} para os grupos decrescentes. Por sua parte, Δk pode refletir a evolução da competitividade setorial frente aos resultados globais do comércio do país (S_j)⁹.

Adicionalmente, o autor expõe duas situações em que $k > 1$. A primeira, quando o valor de k é alto, e que provavelmente não aumentará muito mais se c_{ij} é muito superior a s_i , com exceção de que exista uma especialização total. Desta forma, um valor de c_{ij} muito alto pode ser traduzido por uma trajetória sub-ótima de crescimento. Por outro lado, quando o valor de k é baixo, poderia seguir aumentando se c_{ij} é o suficientemente baixo.

Finalmente, a *adaptabilidade total ao mercado de um país*, K_j , expressa-se pela especialização global e a competitividade de uma economia frente à evolução do mercado.

$$4) \quad K_j = \frac{k_{iincj}}{k_{idecj}} \text{ e } K_j = \frac{s_{iinci}^{10}}{s_{ideci}}$$

Assim, K_j admite dois critérios de interpretação. O primeiro, opõe a participação dos grupos ascendentes e descendentes, em que $K_j > 1$ *significa uma competitividade absoluta maior em grupos ascendentes que em descendentes*. O segundo, combina a orientação de mercado dos grupos ascendentes e descendentes, em que $K_j < 1$ *significa uma especialização relativamente maior nos grupos descendentes que nos crescentes*.

⁸ Onde k segue o índice de vantagem comparativa revelada de Balassa (1965). $k = M_{ij}/M_j : M_i/M$; mudando os denominadores chegamos à seguinte equação: $k = M_{ij}/M_i * M/M_j = s_{ij}/S_j$

⁹ Em Mandeng 1991a: 28, há mais detalhe sobre a evolução que podem tomar as curvas k_{ij} , c_{ij} e s_i no tempo, apresentando uma possível constelação de Δk_{ij} , Δc_{ij} , Δs_{ij} baseada na equação (3).

¹⁰ Isto se deriva de: $(M_{iincj}/M_j : M_{inc}/M) : (M_{idecj}/M_j : M_{idec}/M) = (M_{iincj}/M_{inc}) : (M_{idecj}/M_{idec}) = s_{iincj}/s_{idecj}$

Nestes casos, a evolução de K no tempo, $\Delta K = K_j^1/K_j^0$, representa a) a redistribuição da competitividade de um país com relação à evolução do mercado, ou, b) a mudança na especialização com relação ao crescimento do mercado.

Segundo o autor, as variações em K revelam a ponderação dos grupos setoriais que incrementam ou diminuem dentro da estrutura nacional de comércio e descreve a maneira em que os países concorrem e se especializam globalmente com relação à evolução do mercado.

A modo de conclusão, é necessário ressaltar as *limitações* que apresenta o modelo, as três limitações são coincidentes com as limitações do CMSA. A primeira, refere-se à desagregação setorial, típica em qualquer problema de agregação. A segunda, é sobre o período escolhido, a mesma poderia resolver-se utilizando números-índices. Mesmo assim o autor menciona que o modelo é sensível a este ponto. E a terceira, baseia-se no mercado de referência.

No estudo de Fajnzylber e Mandeng a desagregação foi efetuada considerando a Classificação para o Comércio Internacional (CUCI revisão 2), que classifica 239 grupos setoriais a três dígitos. O período, como foi dito, era 1979/1988, e o mercado de referência foi a OCDE, por sua relevância no comércio mundial.

Neste artigo utiliza-se a mesma desagregação setorial, ainda que em alguns casos se reagruparam os grupos nas ramas de Recursos Naturais, Energia, Manufaturas baseadas em Recursos Naturais e Manufaturas não baseadas em Recursos Naturais, seguindo a classificação de Mandeng 1993. O período selecionado é 1985-1990, 1990-2000, 2000-2007 e 2007-2010. Finalmente, os mercados de referência são: MUNDO, OCDE, MERCOSUL e Ásia em Desenvolvimento.

3. Matrizes de Competitividade Argentina e Brasileira atualizadas

Considerando que a Matriz de Competitividade (MC) estabelece relações entre a demanda de um mercado e as exportações de um país, para conhecer a evolução das matrizes argentinas e brasileiras é necessário descrever a evolução da estrutura de cada mercado: mundial (MUNDO), dos países industrializados (OCDE), do Mercado Comum do Sul¹¹ (MERCOSUL) e da Ásia em Desenvolvimento¹² (AD); em paralelo com a estrutura de exportações de cada país. Uma descrição mais detalhada não é possível de ser feita neste artigo, mas em anexo encontram-se dados pertinentes à análise.¹³

Neste particular, é importante mencionar que a ideia inicial deste trabalho era fazer a descrição independente de cada um dos mencionados mercados, a fim de compará-los com a estrutura comercial argentina e brasileira. No entanto, no curso da investigação descobriu-se que as composições das demandas do MUNDO e da OCDE se mantêm praticamente idênticas ao longo do tempo. É notável, inclusive, que a participação de mercado da OCDE haja diminuído sem que as semelhanças entre as estruturas de importação tenham-se apagado. Os dados falam por si, as importações da OCDE no ano de 1985 representavam 83% das importações mundiais e 25 anos depois ainda alcançavam mais de 64%. Ou seja, a demanda mundial foi e segue sendo fortemente estimulada pela demanda dos países industrializados. Por este motivo Fajnzylber e Mandeng analisaram exclusivamente a demanda da OCDE.

É digno de notar, a presença da AD, que também ganhou espaço dentro das importações mundiais, absorvendo parte da redução da OCDE e mais que duplicando sua participação ao longo do período analisado, havendo alcançado, em 2010, 28% das importações mundiais.¹⁴ Esse avanço da AD não foi previsto pelos autores antes mencionados.

É singular sobre isto que, embora as estruturas das demandas da OCDE e da AD tenham melhorado desde 1985 em favor das Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais, as estruturas de exportações argentina e brasileira a esses mercados não tenham evoluído neste sentido. Paradoxalmente, a AD, como resultado de sua influência, reforçou a primarização do padrão de exportações da Argentina e do Brasil. Sobre esse aspecto, é importante antecipar que no ano de 1990 a Argentina concentrava 40% y Brasil 53%

¹¹ Integrado neste artigo pelos seguintes países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

¹² Integrado neste artigo pelos seguintes países: Arábia Saudita, China, Chipre, Filipinas, Hong Kong, Índia, Indonésia, Jordânia, Macau, Malásia, Mascate Omã, Nepal, Paquistão, Qatar, República da Coreia do Sul, Singapura, Síria, Tailândia, Turquia.

¹³ Ver em ANEXO 1 - Tabela Estrutura dos Mercados nas Importações Mundiais.

¹⁴ Ver em ANEXO 2 - Tabela Quota de cada Mercado nas Importações Mundiais.

das exportações à AD em manufaturas de alto valor agregado, mas não conseguiram consolidar este patamar nas décadas seguintes¹⁵.

O oposto aconteceu com as exportações argentinas e brasileiras ao MERCOSUL. Houve uma clara e expressiva redução da participação dos Recursos Naturais e da Energia na estrutura da demanda do MERCOSUL. A mesma mudança estrutural ocorreu na matriz de exportações argentinas para este mercado: as Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais ganharam muita relevância. Por sua vez, na matriz de exportações brasileiras, tais manufaturas cresceram continuamente até alcançar quase 87% do total em 2010. Em outras palavras, a demanda do MERCOSUL por produtos de maior valor agregado gerou um impacto direto e positivo sobre as exportações argentinas e brasileiras.

Pode-se dizer que a demanda da AD acentuou a primarização da inserção externa da Argentina e do Brasil. A demanda da OCDE, por sua vez, não vem favorecendo o desenvolvimento industrial da economia argentina e reforça a primarização da economia brasileira. Em contrapartida, o MERCOSUL tem desempenhado um papel importante na melhora de ambos os padrões comerciais da Argentina e do Brasil.

Neste capítulo, vamos apresentar primeiramente as Matrizes de Competitividade da Argentina e do Brasil para os mercados MUNDO, OCDE, MERCOSUL e AD, por subperíodo. Na sequência serão apresentadas as MC para os subperíodos de análise, por mercado. A descrição do resultado das matrizes ocorre em três etapas, primeiro para o mercado MUNDO e OCDE, depois para o MERCOSUL e finalmente para AD. Por fim, delineiam-se os principais usos da MC para interpretar as mudanças estruturais das variáveis em estudo.

O período de análise se divide em quatro subperíodos: 1985-1990, 1990-2000, 2000-2007 e 2007-2010. Os anos entre as extremidades refletem a série completado TRADECAN. Os subperíodos se relacionam, respectivamente, com a conformação do MERCOSUL, a década de implantação do Consenso de Washington na América Latina, a grande expansão dos países asiáticos como consumidores e oferentes mundiais, e a crise mundial de 2007-2008.

3.1. Os primeiros resultados.

A Matriz de Competitividade, como vimos, relaciona a evolução do padrão comercial de um país com a evolução de seu mercado. É possível visualizar por meio de radiais, para cada subperíodo da análise, como se compõem as exportações de cada país em termos da classificação quaternária: Situação Ótima, Vulneráveis, Oportunidades Perdidas e em Retirada. Os gráficos abaixo permitem uma observação rápida sobre o padrão de exportações argentino e brasileiro, mediante estática comparativa.

Se analisarmos de maneira conjunta os resultados da MC Argentina e Brasileira para o período de estudo da pesquisa podemos obter algumas conclusões relevantes. Assim, agrupando os mercados MUNDO e OCDE por um lado e MERCOSUL e AD por outro, resta evidente que há algumas diferenças importantes entre ambas as matrizes de competitividade. Em primeiro lugar, visualiza-se que Argentina mantém um padrão de inserção externa mais especializado em grupos Competitivos que em grupos Dinâmicos¹⁶, independentemente do mercado de referência. Isto quer dizer que a Argentina, de alguma maneira, não adequa seu perfil de especialização com relação à demanda dos grupos que estão se dinamizando, mas constrói sua estrutura de exportação a partir dos grupos nos quais ela consegue ser competitiva¹⁷.

Por sua vez, Brasil mantém uma especialização diferenciada segundo os mercados. Aos destinos MUNDO e OCDE sua especialização é em grupos Competitivos, mais do que em Dinâmicos. Por outro lado, aos destinos MERCOSUL e AD a especialização brasileira se concentra mais nos grupos Dinâmicos que nos Competitivos, com algumas exceções¹⁸.

Apesar disso, a MC da Argentina apresenta algumas mudanças de tendência durante os últimos anos. Para os destinos MUNDO, OCDE e AD os grupos Dinâmicos passam a superar os Competitivos a partir de 2007. Isto já acontecia para o MERCOSUL desde 2000. Este aspecto é muito importante já que

¹⁵ Ver em ANEXO 1 - Tabela Estrutura Comercial da Argentina e do Brasil.

¹⁶ Dinâmicos são os grupos em situação ótima e oportunidades perdidas; Competitivos são aqueles em situação ótima e vulneráveis.

¹⁷ Recursos Naturais, Energia e Manufaturas baseadas em Recursos Naturais.

¹⁸ No subperíodo 2000-2007 para o MERCOSUL e na fase 1990-2000 para a AD.

evidencia os impactos positivos do MERCOSUL sobre a estrutura de demanda da Argentina, sem dúvidas o mercado mais benéfico à matriz de exportação desse país.

Outro elemento de relevância destes dados é que as matrizes de ambos os países alcançaram, para os mercados MUNDO e OCDE, o pior resultado entre 1990 e 2000, e o melhor resultado entre 2007 e 2010 (sendo que para a Argentina com destino MUNDO o melhor resultado é entre 2000-2007).

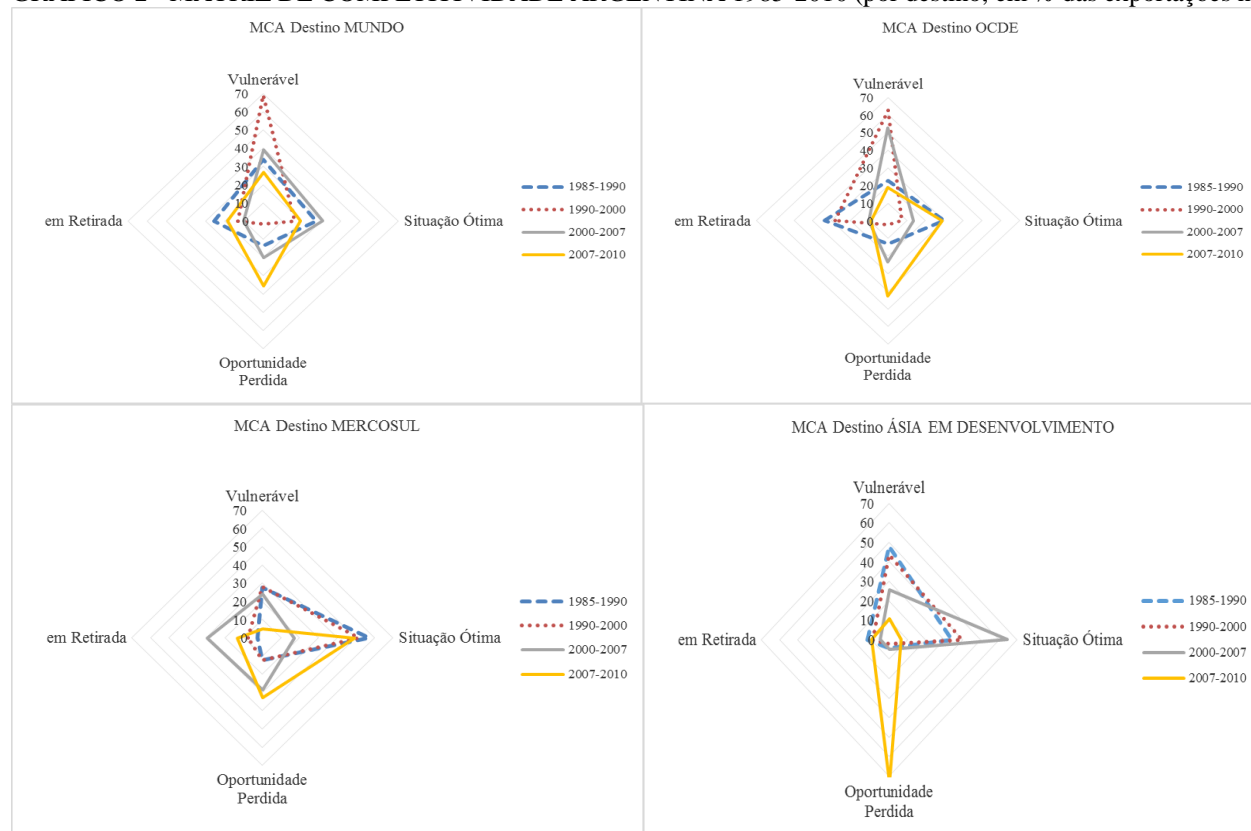
Algo similar ocorre com o destino AD, já que tanto a MC argentina como a brasileira apresentam uma configuração mais positiva no subperíodo 2000-2007, e mais negativa em 2007-2010.

As matrizes brasileira e argentina apresentam uma diferença no tocante ao destino MERCOSUL. Os melhores subperíodos para a matriz argentina foram os de 1985-1990 e 2007-2010. Já para o Brasil, foi o de 1990-2000. No subperíodo 2000-2007 ambos as matrizes apresentam evolução semelhante e é coincidente o fato de que, neste subperíodo, os resultados foram os menos positivos.

Analisando conjuntamente os resultados das matrizes de competitividade para os dois mercados dos países em desenvolvimento (MERCOSUL e AD), poderíamos concluir que o MERCOSUL funciona como um mercado de refúgio nos períodos de crise, tanto para a Argentina como para o Brasil. Nos períodos mais complicados do comércio internacional, este mercado continua respondendo de forma positiva, prossegue melhorando a estrutura das exportações. Em contrapartida, o mercado de AD não responde dessa forma, apresenta outra dinâmica, menos benéfica e mais parecida com a da OCDE. A consequência disso é que a matriz de competitividade argentina e brasileira melhora na fase ascendente do ciclo e piora na fase descendente.

Apesar dessa diferença, há um aspecto comum das matrizes de ambos os países a esses dois mercados em desenvolvimento, que importa ressaltar: desde 2007 crescem de forma significativa as Oportunidades Perdidas. Isso evidencia que as estruturas exportadoras da Argentina e do Brasil não acompanharam a demanda crescente desses mercados emergentes. É possível que os próprios processos de dinamização da demanda doméstica hajam atuado sobre esses resultados das matrizes, agindo como limite da utilização das estruturas produtivas. O caso é ainda mais evidente para a matriz argentina destino MERCOSUL, já que ascensão das Oportunidades Perdidas se inicia no subperíodo anterior. Os principais resultados para a Argentina são apresentados no gráfico 2 e tabela 3.

GRÁFICO 2 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por destino, em % das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 3- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por destino em % em ano final)

| Exportações ao MUNDO | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
|---------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Vulnerável | 33,89 | 69,13 | 39,21 | 26,94 |
| Situação Ótima | 27,29 | 16,12 | 30,64 | 19,14 |
| Oportunidade Perdida | 13,54 | 1,53 | 19,92 | 35,52 |
| em Retirada | 25,29 | 13,03 | 10,23 | 18,41 |
| DINÂMICOS | 40,83 | 17,65 | 50,57 | 54,66 |
| COMPETITIVOS | 61,18 | 85,25 | 69,85 | 46,07 |
| Exportação à OCDE | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 22,92 | 62,52 | 52,61 | 19,04 |
| Situação Ótima | 30,05 | 7,16 | 13,74 | 29,09 |
| Oportunidade Perdida | 13,32 | 2,32 | 23,36 | 42,87 |
| em Retirada | 33,59 | 27,99 | 10,21 | 8,99 |
| DINÂMICOS | 43,37 | 9,48 | 37,10 | 71,96 |
| COMPETITIVOS | 52,97 | 69,68 | 66,35 | 48,14 |
| Exportações ao MERCOSUL | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 27,68 | 27,96 | 23,99 | 4,74 |
| Situação Ótima | 57,05 | 51,46 | 16,97 | 49,17 |
| Oportunidade Perdida | 12,46 | 12,40 | 28,69 | 32,80 |
| em Retirada | 2,56 | 7,88 | 29,49 | 13,29 |
| DINÂMICOS | 69,51 | 63,86 | 45,67 | 81,97 |
| COMPETITIVOS | 84,73 | 79,42 | 40,96 | 53,91 |
| Exportações à ASIA EM DESENVOLVIMENTO | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 47,85 | 43,61 | 25,38 | 10,68 |
| Situação Ótima | 34,35 | 39,70 | 64,67 | 6,40 |
| Oportunidade Perdida | 4,33 | 2,35 | 5,04 | 73,04 |
| em Retirada | 11,96 | 9,10 | 4,82 | 9,75 |
| DINÂMICOS | 38,68 | 42,05 | 69,71 | 79,44 |
| COMPETITIVOS | 82,19 | 83,31 | 90,04 | 17,08 |

FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

Destino MUNDO: a preponderância dos grupos Vulneráveis e em Retirada mostram que Argentina tem um perfil de exportações em grupos cuja demanda está decrescendo, isto é, uma grande proporção de suas exportações é em grupos poucos dinâmicos (59%, 82%, 50% e 45% das exportações de cada período, respectivamente). O pior período dos analisados é de 1990-2000, quando o país concentrou quase 70% de suas exportações em grupos Vulneráveis.

Apesar disso, verifica-se uma melhora entre os subperíodos 1990-2000 e 2000-2007, nos quais aumentou a participação das exportações em Situação Ótima e se reduziram as em Retirada e Vulneráveis. No entanto, o aumento das Oportunidades Perdidas mostra que o país poderia haver ganhado espaço em alguns mercados que se estavam dinamizando, e não o fez. Este processo fica ainda mais evidente entre 2007 e 2010, já que as Oportunidades Perdidas ultrapassam um terço do total exportado. Apesar disso, este é o único período em que as exportações dinâmicas superam as não dinâmicas.

Destino OCDE: visualiza-se uma péssima situação, já que a composição das exportações se concentra em setores cuja demanda está decrescendo, isto é, grupos Vulneráveis e em Retirada (56%, 90%, 63% e 28% das exportações de cada período, respectivamente). E embora no subperíodo de 1985 a 1990, as exportações de grupos dinâmicos tenham ganhado um espaço significativo, alcançando 43% das exportações totais, essas exportações se tornaram ainda mais expressivas entre 2007 e 2010, com quase três quartas partes das exportações.

As exportações de grupos Vulneráveis são muito elevadas em 1990 (63%) e em 2000, superando 50% das exportações. Essa caracterização tem vínculo direto com a estrutura de exportações à OCDE, que concentra quase 75% em bens primários (manufaturados ou não).

Por outro lado, é importante destacar que no período de 2007 a 2010 a MC se modifica radicalmente. Em particular, as Oportunidades Perdidas representam quase 43% das exportações, e as em Situação Ótima, 29%. Vale mencionar que as mudanças desde 2007 não significam variações substantivas no padrão de exportações da Argentina. O que ocorre, na verdade, é que houve crescimento da demanda da OCDE por bens primários e alimentos: é isto que faz figurar como uma demanda que se está dinamizando. Esse é outro exemplo de que, ainda hoje, a demanda da OCDE por bens relacionados a recursos naturais não apresenta tendência decrescente.

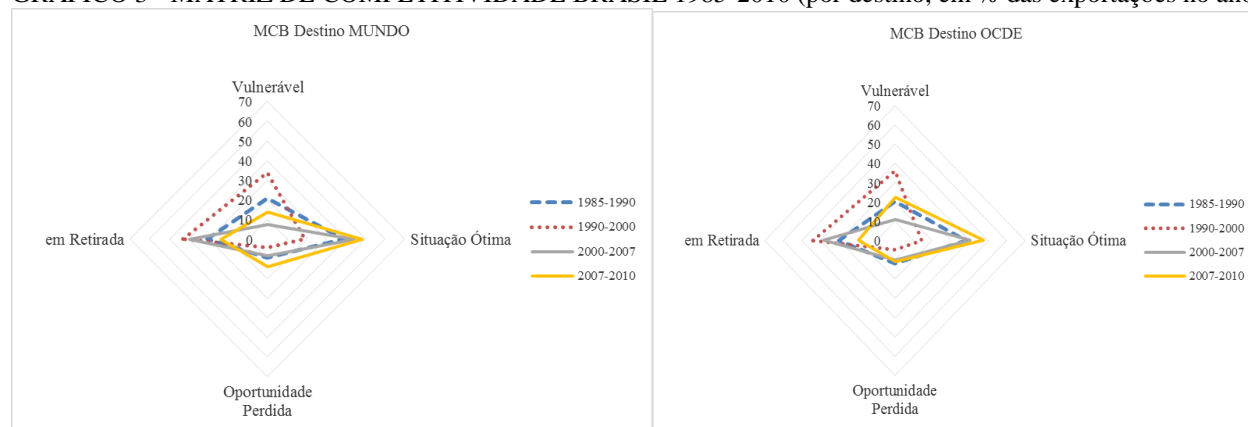
Destino MERCOSUL: os radiais mostram que em torno de 50% das exportações estavam em Situação Ótima, e aproximadamente três quartas partes das mesmas eram de grupos dinâmicos (sendo tais participações maiores entre 2007 e 2010). Isto com exceção do subperíodo 2000-2007, quando as exportações em Situação Ótima eram apenas 17% e as de grupos dinâmicos de 46%.

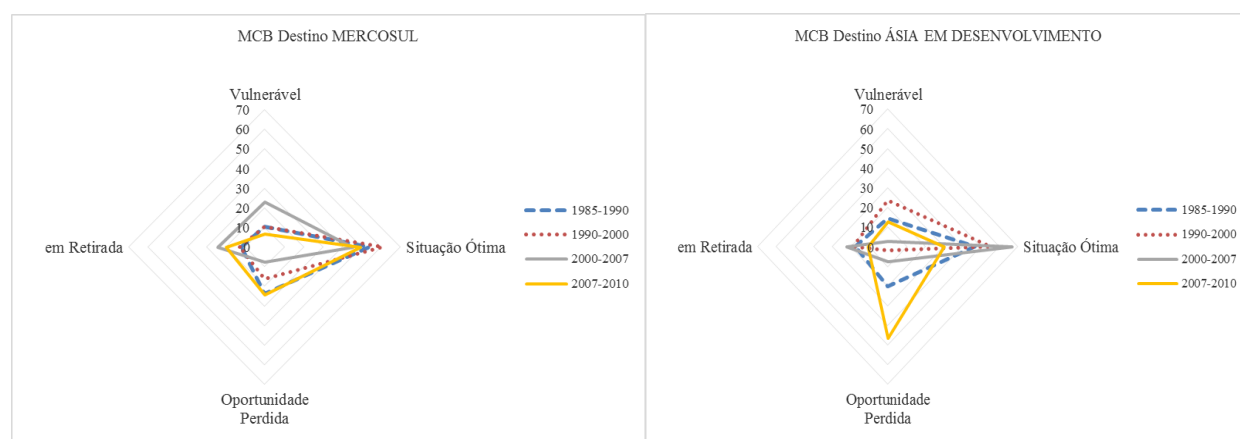
É muito provável que entre 2000 e 2007 o expressivo aumento da demanda do MERCOSUL por MnoBRN não tenha sido absorvido pela oferta da Argentina, haja vista o grande aumento das Oportunidades Perdidas, que passaram de 12% das exportações em 1985 e 1990 a quase 29%. Isso revela as dificuldades que teve a Argentina para adaptar sua estrutura industrial e a oferta exportável à crescente demanda mundial e deste mercado, em particular. Além disto, dá indícios de que outros países competidores deste mercado ganharam espaço no MERCOSUL.

É importante sublinhar que a quota de mercado da Argentina no MERCOSUL cresceu até 2000, alcançando o valor máximo de 9,11% e, a partir de então, apresenta uma drástica redução. Dois países ganharam espaço mais forte no mercado MERCOSUL a partir de 2000, Brasil e China. Esses três países juntos somam mais de um quarto das exportações para este destino. A Argentina participava com mais da metade destas exportações em 1990, mas reduziu sua quota de mercado a menos de um quarto em 2010. Por sua vez, as exportações do Brasil representavam 42% e as da China 7% em 1990; em 2010, participavam com 30% e 48%, respectivamente. Destarte, Brasil ganhou espaço com relação à Argentina neste mercado, e é a China o principal rival de ambos. (Fernández 2015, p. 77)

Destino AD: a MC caracteriza-se pela expressiva composição de exportações em grupos em que a Argentina é competitiva, isto é, em grupos nos quais ganha participação de mercado, independentemente de os grupos serem ou não dinâmicos. A MC mantém-se quase idêntica nos dois primeiros momentos analisados, quando os grupos Vulneráveis superam os de Situação Ótima, e juntos concentram mais de 80%. No subperíodo 2000-2007, esses grupos concentram mais de 90% das exportações argentinas, invertendo-se apenas a ordem. Entretanto, o subperíodo 2007-2010 se caracteriza por uma forte expansão em Oportunidades Perdidas, que absorve uma intensa redução das exportações de Situação Ótima. Os grupos pouco dinâmicos (Vulneráveis e em Retirada) são preponderantes até 2000, porém mantêm uma tendência decrescente e finalizam sendo apenas 18% das exportações em 2010. Os principais resultados para o Brasil são apresentados no gráfico 3 e na tabela 4.

GRÁFICO 3 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE BRASIL 1985-2010 (por destino, em % das exportações no ano final)





FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

TABELA 4- MATRIZ DE COMPETITIVIDADE BRASIL 1985-2010 (por destino em % em ano final)

| Exportações ao MUNDO | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
|---------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Vulnerável | 21,00 | 33,88 | 7,64 | 13,95 |
| Situação Ótima | 38,79 | 19,10 | 44,36 | 48,22 |
| Oportunidade Perdida | 9,51 | 4,14 | 8,47 | 14,05 |
| em Retirada | 30,69 | 42,87 | 39,53 | 23,78 |
| DINÂMICOS | 48,30 | 23,24 | 52,83 | 62,27 |
| COMPETITIVOS | 59,79 | 52,98 | 52,00 | 62,17 |
| Exportação à OCDE | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 20,02 | 36,07 | 10,90 | 22,21 |
| Situação Ótima | 37,96 | 14,34 | 40,45 | 47,37 |
| Oportunidade Perdida | 11,97 | 4,90 | 10,16 | 10,92 |
| em Retirada | 30,06 | 44,30 | 38,49 | 19,50 |
| DINÂMICOS | 49,93 | 19,24 | 50,61 | 58,29 |
| COMPETITIVOS | 57,98 | 50,41 | 51,35 | 69,58 |
| Exportações ao MERCOSUL | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 10,46 | 10,25 | 22,70 | 6,50 |
| Situação Ótima | 53,80 | 60,50 | 45,38 | 49,40 |
| Oportunidade Perdida | 23,73 | 16,25 | 7,85 | 24,46 |
| em Retirada | 12,00 | 12,95 | 24,06 | 19,65 |
| DINÂMICOS | 77,53 | 76,75 | 53,23 | 73,86 |
| COMPETITIVOS | 64,26 | 70,75 | 68,08 | 55,90 |
| Exportações à ASIA EM DESENVOLVIMENTO | 1985-1990 | 1990-2000 | 2000-2007 | 2007-2010 |
| Vulnerável | 14,35 | 23,55 | 2,80 | 12,52 |
| Situação Ótima | 46,81 | 55,18 | 66,83 | 30,37 |
| Oportunidade Perdida | 20,28 | 1,69 | 7,48 | 46,60 |
| em Retirada | 17,55 | 18,77 | 22,37 | 10,49 |
| DINÂMICOS | 67,09 | 56,87 | 74,31 | 76,97 |
| COMPETITIVOS | 61,16 | 78,73 | 69,63 | 42,89 |

FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

Destinos MUNDO e OCDE: a esses destinos, que são apresentados juntos por terem em suas MC muitas semelhanças, aproximadamente metade das exportações são de grupos dinâmicos e competitivos. E apesar de que entre 1985 e 1990 as Situações Ótimas tenham sido relevantes, houve uma piora durante a década de 1990, quando o país concentrou quase 80% das suas exportações em grupos não dinâmicos (Vulneráveis e em Retirada). A partir de 2000 os grupos em Situação Ótima ganharam espaço e no último

subperíodo os grupos dinâmicos e competitivos ascendem a 62% das exportações para o MUNDO e até quase 60% e 70% das exportações aos países industrializados, respectivamente. As Oportunidades Perdidas não têm se mostrado muito significativas nesses mercados, motivo pelo qual o Brasil não estaria perdendo participação de mercado nos grupos em que se especializa.

Pode-se dizer que as MC de ambos os mercados tiveram a seguinte trajetória: pioraram entre o primeiro e o segundo subperíodo; depois melhoraram para uma maior participação das Situações Ótimas e dos grupos dinâmicos e competitivos, entre o segundo e o terceiro subperíodo; e conseguiram sustentar essa melhora até o último subperíodo, alcançando uma MC algo superior à de 1985-1990.

Destino MERCOSUL: os radiais mostram que em torno de 50% das exportações estavam em Situação Ótima, e aproximadamente três quartas partes das mesmas eram de grupos dinâmicos (sendo tais participações maiores até 2000). Isto com exceção do subperíodo 2000-2007, quando as exportações em Situação Ótima eram de 45% e as de grupos dinâmicos de 53%.

Entre 2000 e 2007, à diferença do que ocorreu com a Argentina, as Oportunidades Perdidas têm sido muito baixas, na verdade, as menores do período analisado. Não obstante, os grupos Vulneráveis e em Retirada duplicaram a participação, e entre ambos ascenderam a 47% das exportações em grupos não dinâmicos. Em decorrência disso fica claro que, embora o MERCOSUL seja o melhor mercado para a Argentina e o Brasil, os resultados em conjunto da MC argentina e brasileira demonstram que o subperíodo 2000-2007 foi relativamente o que trouxe menos benefícios para ambas as economias. Ou seja, confirma-se que o MERCOSUL é um mercado de refúgio dessas economias e que outorga mais estabilidade que os outros mercados, apesar de no período de expansão econômica sua dinâmica não ser a mais destacada.

Finalmente, entre 2007 e 2010, houve um grande crescimento das Oportunidades Perdidas, que absorveu a queda dos grupos Vulneráveis, e um pequeno acréscimo das Situações Ótimas, que absorveu a queda dos grupos em Retirada. Neste último momento, quase 74% das exportações foram de grupos dinâmicos e 56% de grupos competitivos. Isto expressa a melhora na quota de mercado do Brasil com relação à Argentina num primeiro momento, mas que foi relativizada pela ascensão da China nas importações do MERCOSUL.

Em termos de trajetória, pode se dizer que a MC destino MERCOSUL se manteve quase idêntica entre o primeiro e o segundo subperíodo; regrediu para uma com maior presença de grupos pouco dinâmicos, entre 2000 e 2007; e melhorou para uma matriz com maior participação de grupos dinâmicos. Porém, os resultados finais não conseguem superar os obtidos entre 1990-2000.

Destino AD: a MC caracteriza-se pela expressiva composição de exportações em grupos em que o Brasil é dinâmico e competitivo, isto é, em grupos nos quais o país ganha participação de mercado e cuja demanda está crescendo. As exportações em Situação Ótima foram sempre relevantes e ganham participação até o subperíodo 2000-2007, alcançando dois terços das exportações totais. Porém, no subperíodo seguinte estas caem a menos da metade. Também entre 2007-2010, as Oportunidades Perdidas crescem em grande escala alcançando 47% das exportações.

Para entender melhor a drástica mudança da forma dos radiais do último período, é necessário conhecer em profundidade os elementos que conformam cada uma das variáveis – evolução da estrutura do mercado, evolução da estrutura comercial e, especialmente, os dez primeiros grupos de exportações. No caso argentino, já se viu que as mudanças dos grupos em Situação Ótima para Vulneráveis mostraram uma modificação da dinâmica do mercado e não do tipo de exportações. Quer dizer, os dez principais grupos de exportações eram quase os mesmos e se concentraram no Complexo Oleaginoso e Mineiro, no caso argentino. Porém, esses grupos tinham uma demanda crescente (eram dinâmicos) e agora mantêm uma demanda decrescente, motivo pelo qual passaram a ser apenas competitivos e não dinâmicos. Pode-se sugerir que as MC brasileiras compartilhem esse aspecto.

Em termos do caminho seguido pela MC destino AD, verifica-se que até 2000-2007 as exportações de Situações Ótimas conseguiram melhorar ininterruptamente e alcançar o patamar mais elevado. Porém, na última fase de análise, esses grupos regrediram em grande proporção, simultaneamente à escalada das Oportunidades Perdidas. Entre ambas as agregações conseguem manter $\frac{3}{4}$ (três quartos) das exportações em grupos dinâmicos, mas sendo apenas 43% as competitivas.

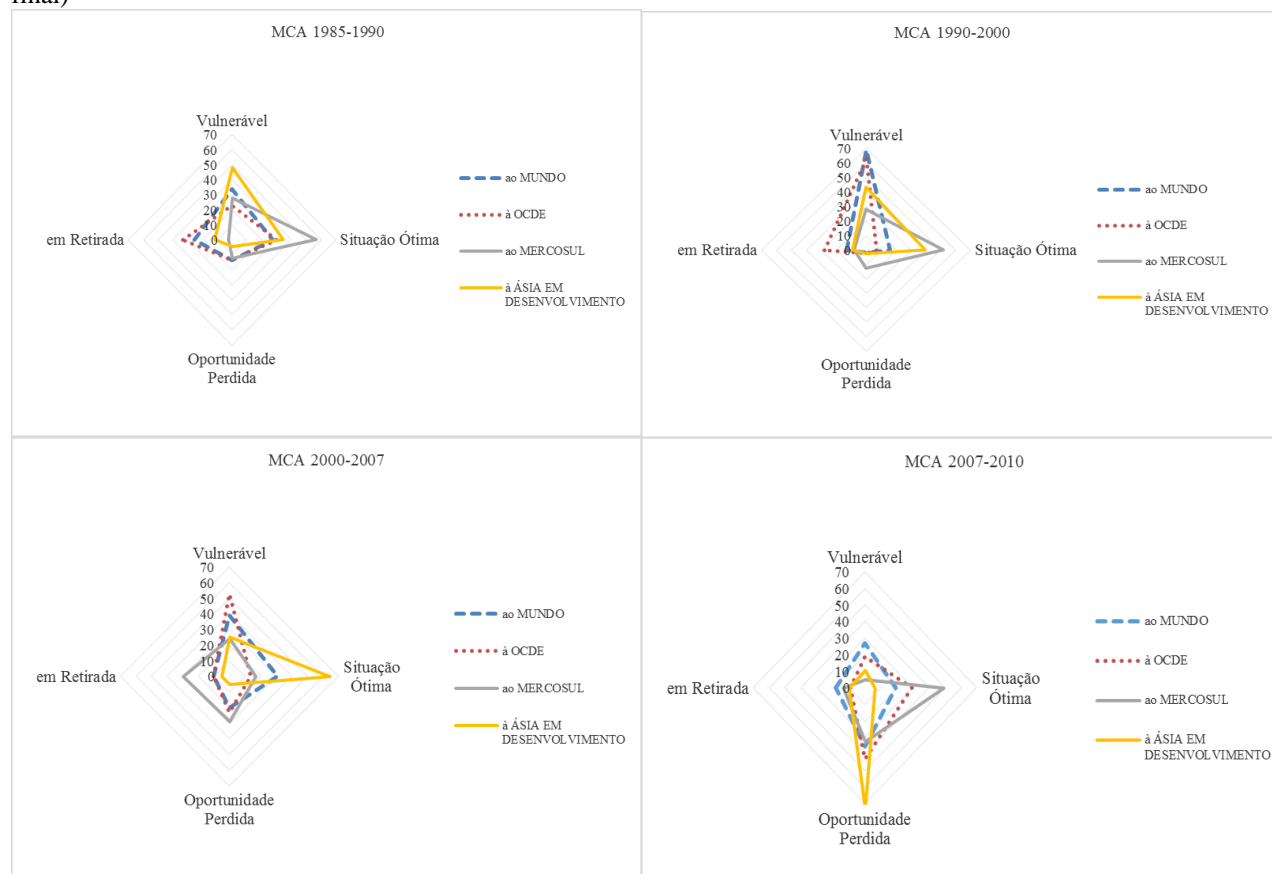
Analisando, numa visão geral, todas as MC do Brasil, podemos afirmar que a mais estável é a do destino MERCOSUL e embora apresente algumas variações, concentra a maior parte das exportações em

Situações Ótimas. Por sua vez, a MC com destino AD também tem apresentado certa similaridade entre períodos, ainda que o acréscimo das Oportunidades Perdidas modifique a forma do último radial. A grande expansão dos mercados emergentes no início do século XXI, como foi dito, dificultou às economias brasileira e argentina a possibilidade de expandir sua oferta produtiva e exportável, gerando a perda de oportunidades nos grupos em que historicamente se especializaram: complexo automotivo, para o MERCOSUL, e complexo de minério de ferro, para a Ásia em Desenvolvimento. Para aprofundar a análise é imprescindível identificar e discorrer sobre os dez primeiros grupos de exportação da Argentina e do Brasil a cada mercado, mas por questões de espaço isto é impossível neste artigo.

Finalmente, propõe-se uma maneira alternativa para apresentar visualmente os mesmos dados. Essa implica examinar para cada subperíodo de análise os quatro mercados. Os radiais são contundentes. Das MC da Argentina fica evidente que o MERCOSUL detém os melhores radiais (losangos) durante quase todo o período, com exceção de 2000-2007. Contudo, a AD evidencia o melhor radial nesse subperíodo. Isso confirma que os países em desenvolvimento são os melhores mercados para a Argentina: ambos dinâmicos e competitivos. Também comprova que o MERCOSUL é um refúgio para esta economia e que a AD configura-se de maneira similar ao que foi a OCDE, como uma demanda forte quando a economia se expande e perdendo qualidade quando a economia mundial se retrai.

Por sua vez, os mercados MUNDO e OCDE apresentam sua pior matriz entre 1990-2000, com destaque nos grupos Vulneráveis. E embora já tenham tido uma matriz melhor entre 1985 e 1990, os radiais evoluem positivamente desde 2000 até alcançar, finalmente, uma matriz com grande participação dos grupos dinâmicos e competitivos.

GRÁFICO 4 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE ARGENTINA 1985-2010 (por subperíodo, em % das exportações no ano final)

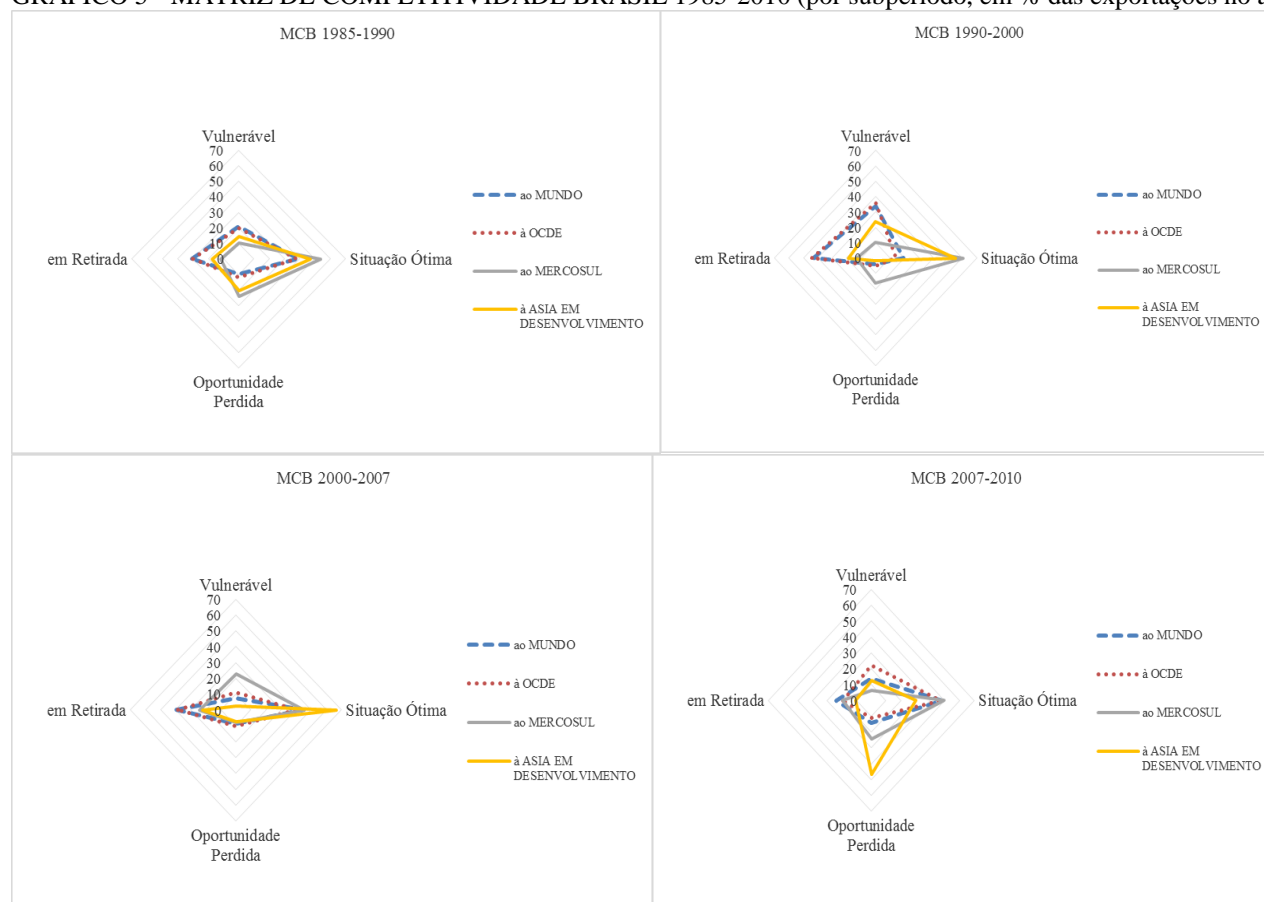


FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

Algo similar acontece nas MC brasileiras. O MERCOSUL é o melhor mercado na maior parte dos subperíodos, com exceção de 2000-2007, quando a AD apresentou o melhor losango. Em contrapartida, as MC com destino MUNDO e OCDE apresentaram também o pior momento entre 1990 e 2000, com grande

presença dos grupos não dinâmicos. Contudo, os radiais de 2007-2010 têm um formato melhor ao do primeiro subperíodo.

GRÁFICO 5 - MATRIZ DE COMPETITIVIDADE BRASIL 1985-2010 (por subperíodo, em % das exportações no ano final)



FONTE: Elaboração própria em base a TradeCAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

4. Algumas reflexões sobre o uso da Matriz de Competitividade de Fajnzylber e Mandeng

Inicialmente, na pesquisa de Fajnzylber e Mandeng, a MC foi construída com relação a apenas um mercado (OCDE) e um período (1979/1988). Os resultados confirmavam a hipótese que o Brasil apresentava uma exportação mais dinâmica e de manufaturas mais sofisticadas, e que as exportações argentinas eram menos dinâmicas, com forte presença de recursos naturais. A discussão de fundo era a dependência dos países latino-americanos à exportação de recursos naturais e *commodities* em geral. Neste sentido, inclusive, previam que a OCDE diminuiria a demanda por esses bens de baixo valor agregado, o que impactaria nas economias nacionais.

Esta pesquisa, ao resgatar essa metodologia cepalina, inova ao construir diversas matrizes, tendo como foco vários mercados e períodos. Isso permite analisar a evolução das MC e comparar diversos mercados, enriquecendo o debate e possibilitando análises até então inéditas no âmbito da metodologia utilizada.

As matrizes apresentadas neste trabalho permitem visualizar mudanças relevantes na estrutura da demanda dos mercados e na estrutura comercial de ambos os países analisados. De fato, verificam-se câmbios específicos nas MC da Argentina e do Brasil, com o que se confirma uma alteração nos termos de troca dos países latino-americanos, causada, sobretudo, pela dinamização da demanda por *commodities* (alimentos, energia, e minerais e metais) no início do século XXI.

Neste sentido, embora Fajnzylber não tenha antecipado o crescimento da demanda por *commodities* e bens primários, isso não impossibilitou que as MC ora apresentadas permitam visualizar a ocorrência de uma mudança estrutural, seja do lado do mercado, seja do lado da estrutura produtiva. É notável que a

evolução da demanda crescente por RRNN, Energia e MBRN a partir do ano 2000 tenha modificado a forma das MC de tal modo que os grupos nos que antes a Argentina e o Brasil eram competitivos, mas não dinâmicos (Vulneráveis), passaram a ser competitivos e ou dinâmicos (Situação Ótima ou Oportunidade Perdida). Mudanças estruturais, como a verificada nesta pesquisa, são facilmente identificadas por meio das MC, e nisto consiste grande parte de sua relevância como ferramenta científica. Em outras palavras, a matriz de competitividade é um instrumento útil para identificar as mudanças estruturais nos padrões de consumo, produção e comércio internacional.

Comparando o escopo desta pesquisa com o a de Fajnzylber e Mandeng, nota-se que apresentam diferenças de objeto e objetivo. E essa diferença mostra exatamente a potência analítica da metodologia, que permite, como se vê, analisar diversos cenários, envolvendo vários períodos e mercados. A MC, enquanto metodologia científica, possibilita uma leitura rápida e sintética da competitividade dos países. Entretanto, as conclusões que a MC permite são limitadas pela necessidade de se caracterizar extensivamente a estrutura de mercado e a comercial. Ou seja, os losangos não mostram a “qualidade” das exportações, mas apenas como certo país reagiu à mudança da demanda de certo mercado.

Essa limitação analítica da MC se mostrou, neste estudo, no fato de que ela, por si só, não revela que os grupos vulneráveis das exportações argentinas se constituem quase exclusivamente pelo complexo oleaginoso ou de *commodities* no geral (Fernández 2015), o que, aliás, pode ter acontecido com o Brasil. É dizer, o que os losangos mostram precisa ser dissecado, qualificado por informações acerca da demanda do mercado analisado e, sobretudo, do conjunto das exportações. De fato, a metodologia pode insinuar que um mercado é vantajoso por ter grande expansão de grupos em Situação Ótima, mas que se referem a atividades cuja demanda foi, historicamente, instável, como no caso do complexo oleaginoso, mineiro ou petrolífero.

Esse problema da MC nos coloca diante de outro. A demanda por recursos naturais, cuja previsão de Fajnzylber era de queda, pode se manter estável, ou até mesmo crescente, em razão da emergência de novos mercados. Neste cenário, a exportação de recursos naturais e energia tem outro efeito e coloca outras questões, distintas da apresentada pelo pensador chileno. Essas questões, em verdade, sintetizam a dualidade que emerge de grande parte das economias latino-americanas, cujos padrões de inserção externa se baseiam fortemente nos recursos naturais. Contudo, o que se mostra indubitável é que este século iniciou com um câmbio radical na estrutura da demanda mundial, com reflexos claros nas exportações argentinas e brasileiras.

5. Conclusões

Iniciamos esta pesquisa interessados na relação entre a matriz produtiva argentina e brasileira e o padrão de exportações desses países. Foi a partir da leitura da obra de Fajnzylber que decidimos analisar a inserção externa da Argentina e do Brasil, focando na competitividade de seus produtos exportados. Entendemos que a análise da competitividade não é um fim em si mesmo, mas um instrumento para verificar as relações entre a evolução da demanda de certo mercado e o padrão de exportações de um país, com o objetivo de orientar suas políticas econômicas e possibilitar, assim, a melhora da sua trama produtiva e seu desenvolvimento econômico e social.

O pano de fundo de nossa pesquisa foi a condição histórica desses países de exportadores de recursos naturais ou manufaturas com baixo valor agregado. De fato, o *boom* das *commodities*, no início do século XXI, em especial a demanda asiática por soja e ferro e seus derivados, colocou a política econômica argentina e brasileira em xeque, trazendo ao centro do debate questões como política industrial, tipo de câmbio e impostos à exportação. Por outro lado, a crescente interação produtiva e comercial, entre Argentina e Brasil, do Complexo Automotivo e de Autopeças teve o condão de dinamizar o parque industrial de ambos os países, trazendo, além de dilemas à condução da política comercial, uma oportunidade de diversificar e sofisticar as suas matrizes produtivas. Foi, portanto, tendo em conta esse debate e as questões e dilemas a ele concernentes, que a atual pesquisa se desenvolveu.

Os resultados obtidos com o desenvolvimento das Matrizes de Competitividade (MC) demonstram que os países emergentes (analisados através da Ásia em Desenvolvimento (AD) e do MERCOSUL) foram determinantes da evolução do padrão de exportações da Argentina e do Brasil, nas últimas três décadas. Isso ocorreu de tal modo que as exportações para os países da AD e para o MERCOSUL foram totalmente

reconfiguradas, imprimindo força sobre as estruturas produtivas argentina e brasileira. Além disso, verificou-se que o padrão de exportação para AD evoluiu no sentido de conceder mais participação aos Recursos Naturais (RN). Em contrapartida, o MERCOSUL foi o único mercado que abriu espaço para os produtos argentinos e brasileiros de maior valor agregado, Manufaturas não Baseadas em Recursos Naturais (MnoBRN).

Por outro lado, se analisarmos de maneira conjunta os resultados da MC argentina e brasileira, para o período em estudo, ressaltam-se algumas diferenças importantes.

Em primeiro lugar, visualiza-se que a Argentina mantém um padrão de inserção externa mais especializado em grupos Competitivos (Situação Ótima e Vulneráveis) que em Dinâmicos (Situações Ótimas e Oportunidades Perdidas), independentemente do mercado de referência. Isso quer dizer que a Argentina, de alguma maneira, não adequa seu perfil de especialização com relação à demanda dos grupos que estão se dinamizando, mas constrói sua estrutura de exportação a partir dos grupos nos quais ela consegue ser competitiva (embora essa tendência tenha mudado a partir de 2000 para o MERCOSUL e, desde 2007, para os outros mercados quando, os grupos Dinâmicos passam a superar os Competitivos).

Por sua vez, o Brasil mantém uma especialização diferenciada orientada a cada mercado. Aos destinos MUNDO e OCDE sua especialização é em grupos Competitivos, mais do que em Dinâmicos. Por outro lado, aos destinos MERCOSUL e AD, a especialização brasileira se concentra mais nos grupos Dinâmicos que nos Competitivos, com algumas exceções.

Numa visão geral, podemos afirmar que as MC de ambos os países, com relação ao MERCOSUL, são as mais estáveis e, embora apresentem algumas variações, concentram a maior parte das exportações em Situações Ótimas. Por sua vez, as MC com destino AD também apresentam certa similaridade entre períodos, ainda que o aumento das Oportunidades Perdidas modifique a forma dos últimos radiais. A grande expansão dos mercados emergentes no início do século XXI, como foi dito, dificultou às economias brasileira e argentina a possibilidade de expandir sua oferta produtiva e exportável, gerando a perda de oportunidades nos grupos em que historicamente se especializaram: complexo automotivo, para o MERCOSUL, e complexo soja e de minério de ferro, para a Ásia em Desenvolvimento. Para aprofundar a análise é imprescindível identificar e discorrer sobre os dez primeiros grupos de exportação da Argentina e do Brasil a cada mercado, mas por questões de espaço isso é impossível neste artigo.

Finalmente, da análise conjunta dos resultados das matrizes de competitividade para os dois mercados dos países emergentes (MERCOSUL e AD), poderíamos concluir que o MERCOSUL funciona como um mercado de refúgio nos períodos de crise tanto para a Argentina como para o Brasil. Nos períodos mais complicados do comércio internacional, esse mercado continua respondendo de forma positiva, melhorando a estrutura das exportações. Em contrapartida, o mercado da AD não responde dessa forma, apresenta outra dinâmica, menos benéfica e mais parecida com a da OCDE. A consequência disso é que a matriz de competitividade argentina e brasileira melhora na fase ascendente do ciclo e piora na fase descendente.

Referências bibliográficas:

- BALASSA, B. "Trade liberalization and "revealed" comparative advantage". The Manchester School, v. XXXIII, n. ° 2, p. 99-123, 1965.
- BASUALDO, E. M. "Estudios de historia económica argentina: desde mediados del siglo XX a la actualidad". 2ª ed. Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2013.
- BEKERMAN, M.; DALMASSO, G. "Políticas productivas y competitividad industrial. El caso de Argentina y Brasil". Revista de Economía Política, vol. 34, nro. 1 (134), pp. 158-180, janeiro-março 2014.
- BERRETTONI, D. "América Latina en las exportaciones argentinas: la importancia del mercado regional en la calidad de la inserción internacional". Revista Argentina de Economía Internacional. Nro 2 pp. 17-40. Centro Economía Internacional, Ministerio de Relaciones Exteriores y Culto de Argentina, dic. 2013.
- BIELSCHOWSKY, R. "Cincuenta años de la CEPAL: una reseña". Fondo de Cultura Económica, 1998.
- BIELSCHOWSKY, R. (compl.) "Sesenta años de la CEPAL: textos seleccionados del decenio 1998-2008". Siglo XXI Editores, Buenos Aires, 2010.
- CEPAL, "Guía de Usuario TRADECAN", 2012b.

CIMOLI, M & ROVIRA, S. "Elites and Structural Inertia in Latin America: An introductory Note on the Political Economy of Development". *Journal of Economic Issues*, Vol. XLII, N°2, June 2008.

CIMOLI, M. & PORCILE, G. "Technology, heterogeneity and Growth: A Structuralist Toolbox". MPRA Paper No. 33801, posted 1. October 2011 15:27 UTC.

CYPHER J. M. "South America's Commodities Boom: Developmental Opportunity or Path Dependent Reversion?" In: *Canadian Journal of Development Studies* 30, nos. 3-4 (2010): 635-662. ISSN 0225-5199.

DIAMAND, M. "La Estructura Productiva Desequilibrada Argentina y el Tipo de Cambio". *Desarrollo Económico* Vol. 12 N° 45, Argentina, 1972.

FAJNZYLBER, F. "Reflexiones sobre la industrialización exportadora del sudeste asiático". *Revista de la CEPAL* (15) Santiago de Chile, 1981:117-138.

FAJNZYLBER, F. "Competitividad internacional: evolución y lecciones". *Revista de la CEPAL* (36) diciembre 1988: 7-24.

FAJNZYLBER, F. "Industrialización en América Latina: de la "caja negra" al "casillero vacío". 1989. In: TORRES OLIVOS, M. (compl.) "Fernando Fajnzylber: Una visión renovadora del desarrollo en América Latina". CEPAL Editora, Naciones Unidas, Santiago de Chile, noviembre de 2006.

FAJNZYLBER, F. "Inserción internacional e innovación institucional". *Revista de la CEPAL* (44) agosto 1991: 149-178.

FERRER, A. "Raúl Prebisch y el dilema del desarrollo en el mundo global". *Revista Cepal* 101. 2010.

FERRER, A. "La Economía Argentina. Las Etapas de su Desarrollo y Problemas Actuales". Fondo de Cultura Económica, 1973.

FURTADO, C. "Formação Econômica do Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001. 1ra ed., 1959.

HIRATUKA, C. "Inserção comercial brasileira frente às transformações na economia global: desafios pós-crise". Em impressão para publicar na coletânea "Industria e Desenvolvimento Produtivo no Brasil: quais devem ser as estratégias para os próximos anos?" Fundação Getúlio Vargas. IBRE. Inédito, 2014.

MAGEE, S. "Prices, incomes, and forcing trade", P.B. Kenen (comp.), *International trade and finance*, Cambridge, Mass., Cambridge University Press.

MANCINI, M. "Tendencias actuales y transformaciones incipientes en China: sus implicancias para las economías latinoamericanas." *Revista Entrelíneas de la Política Económica*, N° 40- Año 7, Universidad Nacional de La Plata, La Plata, diciembre 2014: 12 -21.

MANDENG, O. J. "Análisis de competitividad: Argentina: estudio de caso basado en el programa computacional CAN". *Indicadores Económicos FEE. Análise Conjuntural* 21(2) agosto 1993: 189-203.

MANDENG, O. J. "Competitividad internacional y especialización". *Revista de la CEPAL* (45) diciembre 1991a: 25-42.

MANDENG, O. J. "Metodología para un análisis de la competitividad internacional de los países". *Industrialización y Desarrollo Tecnológico* (10) agosto 1991b: 7-10.

NONNENBERG, M. J. B., & MESENTIER, A. "A Criação do Mercosul Contribuiu para Aumentar a Intensidade Tecnológica das Exportações da Região?" *Textos para discussão* 1644, IPEA, 2011.

NONNENBERG, M. J. B. "Exportações e Inovação: uma análise para América Latina e Sul-Sudeste da Ásia", *Textos para discussão*, IPEA, 2011.

PEREZ, C. "Una Visión para América Latina: Dinamismo tecnológico e inclusión social mediante una estrategia basada en los recursos naturales". *Working Paper Series* No. 08-04 ISBN: 978-970-701-963-8. GLOBELICS, julio 2005.

PREBISCH, R. "El desarrollo Económico de América Latina y alguno de sus principales problemas", *Boletín Económico de América Latina*, vol. 7, febrero, 1962. 1ra ed., 1949.

RAMOS, J. "Una estrategia de desarrollo a partir de complejos productivos en torno a los recursos naturales." *Revista de la CEPAL* (66), Santiago de Chile, diciembre 1998: 105-125.

RAPOPORT, M. "Historia económica, política y social de la Argentina (1880-2003)". 6ª ed. Emecé Editores S.A., Buenos Aires, agosto 2013.

RODRIGUEZ, O. "El estructuralismo latinoamericano". Siglo XXI Editores: CEPAL. México, 2006.

XAVIER, C. "Padrões de especialização e competitividade no comércio exterior brasileiro". Tese Doutorado. Universidade Estadual de Campinas - Campinas, São Paulo 2000.

ANEXO 1– TABELAS COM ESTRUTURAS DE MERCADOS. MUNDO, OCDE, MERCOSUL E ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO E ESTRUTURA COMERCIAL DA ARGENTINA E DO BRASIL PARA CADA MERCADO (TRADECAN 2012)

TABELA 5- ESTRUTURA DE MERCADO (importações por destinos)

| Participação setorial em % | MUNDO | | | | | OCDE | | | | |
|----------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 16,33 | 14,54 | 10,31 | 10,43 | 11,34 | 16,11 | 14,56 | 10,48 | 10,18 | 10,98 |
| Agricultura | 13,40 | 11,96 | 8,81 | 7,91 | 8,71 | 13,27 | 12,17 | 9,15 | 8,42 | 9,39 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 2,93 | 2,58 | 1,51 | 2,52 | 2,63 | 2,84 | 2,39 | 1,32 | 1,75 | 1,59 |
| ENERGIA | 17,35 | 9,71 | 9,31 | 10,21 | 9,93 | 17,82 | 9,78 | 8,94 | 10,57 | 10,35 |
| MANUFATURAS | 64,86 | 73,98 | 77,85 | 71,77 | 70,05 | 64,54 | 73,82 | 77,48 | 71,47 | 69,51 |
| Manufaturas RRNN | 5,67 | 5,79 | 4,78 | 5,02 | 4,78 | 5,89 | 5,85 | 4,75 | 4,81 | 4,16 |
| Manufaturas Não RRNN | 59,19 | 68,20 | 73,07 | 66,74 | 65,28 | 58,66 | 67,97 | 72,72 | 66,66 | 65,35 |
| OUTROS | 1,47 | 1,78 | 2,53 | 7,60 | 8,68 | 1,54 | 1,84 | 3,10 | 7,78 | 9,16 |
| Participação setorial em % | MERCOSUL | | | | | Ásia em Desenvolvimento | | | | |
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 16,97 | 15,41 | 9,52 | 7,74 | 7,16 | 16,01 | 13,10 | 9,37 | 10,50 | 12,00 |
| Agricultura | 13,58 | 11,11 | 7,88 | 5,56 | 5,73 | 12,53 | 9,61 | 7,07 | 5,87 | 6,73 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 3,40 | 4,29 | 1,64 | 2,18 | 1,43 | 3,49 | 3,49 | 2,31 | 4,63 | 5,27 |
| ENERGIA | 34,12 | 23,18 | 11,54 | 9,92 | 7,91 | 14,81 | 8,82 | 11,50 | 10,36 | 10,26 |
| MANUFATURAS | 48,83 | 61,33 | 78,80 | 73,50 | 77,60 | 67,75 | 76,80 | 78,30 | 72,41 | 70,18 |
| Manufaturas RRNN | 2,90 | 3,31 | 2,71 | 3,05 | 2,56 | 4,89 | 6,26 | 5,61 | 5,84 | 6,53 |
| Manufaturas Não RRNN | 45,93 | 58,02 | 76,09 | 70,46 | 75,04 | 62,86 | 70,54 | 72,69 | 66,57 | 63,65 |
| OUTROS | 0,08 | 0,09 | 0,15 | 8,84 | 7,33 | 1,43 | 1,27 | 0,82 | 6,74 | 7,57 |

FONTE: Elaboração própria em base a TradeCan 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 6 - ESTRUTURA COMERCIAL DA ARGENTINA (exportações por destino)

| Participação setorial em % | MUNDO | | | | | OCDE | | | | |
|----------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 68,83 | 59,41 | 49,10 | 59,49 | 55,94 | 71,64 | 67,41 | 60,76 | 69,55 | 65,52 |
| Agricultura | 65,77 | 55,81 | 46,57 | 56,39 | 53,06 | 68,24 | 63,66 | 57,13 | 64,41 | 60,82 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 3,06 | 3,60 | 2,52 | 3,11 | 2,88 | 3,40 | 3,74 | 3,63 | 5,14 | 4,71 |
| ENERGIA | 6,38 | 6,49 | 17,86 | 7,50 | 7,53 | 6,32 | 5,10 | 12,44 | 5,79 | 5,85 |
| MANUFATURAS | 24,13 | 33,64 | 32,41 | 32,55 | 36,09 | 21,09 | 26,81 | 25,35 | 23,99 | 27,64 |
| Manufaturas RRNN | 6,99 | 7,25 | 5,01 | 3,79 | 5,07 | 7,72 | 9,12 | 7,90 | 5,54 | 9,78 |
| Manufaturas Não RRNN | 17,15 | 26,38 | 27,40 | 28,77 | 31,01 | 13,37 | 17,69 | 17,45 | 18,45 | 17,86 |
| OUTROS | 0,50 | 0,47 | 0,63 | 0,45 | 0,44 | 0,51 | 0,56 | 1,45 | 0,66 | 0,99 |
| Participação setorial em % | MERCOSUL | | | | | Ásia em Desenvolvimento | | | | |
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 54,40 | 49,80 | 31,53 | 28,82 | 25,34 | 74,20 | 49,10 | 79,79 | 85,04 | 85,94 |
| Agricultura | 52,37 | 48,03 | 30,01 | 27,37 | 24,55 | 70,68 | 40,94 | 75,39 | 80,73 | 81,19 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 2,03 | 1,77 | 1,52 | 1,46 | 0,79 | 3,52 | 8,17 | 4,39 | 4,31 | 4,75 |
| ENERGIA | 13,68 | 7,50 | 19,03 | 5,03 | 4,35 | 0,00 | 3,19 | 4,91 | 6,20 | 4,54 |
| MANUFATURAS | 31,88 | 42,44 | 49,44 | 66,14 | 70,30 | 23,87 | 46,56 | 15,18 | 8,74 | 9,36 |
| Manufaturas RRNN | 9,68 | 4,58 | 2,47 | 2,29 | 1,76 | 6,08 | 6,83 | 6,82 | 3,68 | 4,27 |
| Manufaturas Não RRNN | 22,20 | 37,86 | 46,98 | 63,86 | 68,55 | 17,79 | 39,74 | 8,36 | 5,06 | 5,09 |
| OUTROS | 0,04 | 0,01 | 0,00 | 0,01 | 0,01 | 1,79 | 0,26 | 0,08 | 0,02 | 0,03 |

FONTE: Elaboração própria em base a TradeCan 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

TABELA 7 - ESTRUTURA COMERCIAL DO BRASIL (exportações por destino)

| Participação setorial em % | MUNDO | | | | | OCDE | | | | |
|----------------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|-------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 51,48 | 42,64 | 39,84 | 43,98 | 51,60 | 55,49 | 47,92 | 44,03 | 45,48 | 52,43 |
| Agricultura | 41,18 | 30,81 | 30,62 | 27,06 | 30,97 | 44,84 | 36,12 | 34,96 | 32,11 | 36,01 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 10,30 | 11,83 | 9,21 | 16,92 | 20,63 | 10,65 | 11,80 | 9,07 | 13,37 | 16,41 |
| ENERGIA | 3,62 | 2,10 | 2,29 | 6,94 | 9,08 | 3,93 | 2,42 | 2,68 | 8,32 | 12,09 |
| MANUFATURAS | 44,22 | 54,56 | 56,43 | 47,87 | 37,76 | 39,92 | 49,07 | 51,20 | 44,65 | 33,07 |
| Manufaturas RRNN | 6,39 | 9,75 | 9,42 | 8,99 | 6,09 | 6,72 | 10,94 | 11,71 | 11,99 | 7,64 |
| Manufaturas Não RRNN | 37,84 | 44,82 | 47,01 | 38,88 | 31,67 | 33,20 | 38,13 | 39,49 | 32,66 | 25,43 |
| OUTROS | 0,67 | 0,70 | 1,44 | 1,21 | 1,56 | 0,57 | 0,59 | 2,09 | 1,55 | 2,42 |
| Participação setorial em % | MERCOSUL | | | | | Ásia em Desenvolvimento | | | | |
| | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
| RECURSOS NATURAIS | 24,03 | 18,54 | 14,10 | 10,43 | 9,87 | 46,48 | 35,25 | 67,55 | 75,85 | 76,23 |
| Agricultura | 14,50 | 8,73 | 10,29 | 5,02 | 5,40 | 32,90 | 17,73 | 45,11 | 35,41 | 36,87 |
| Fibras Têxtil, Minerais e Metais | 9,53 | 9,81 | 3,81 | 5,41 | 4,47 | 13,58 | 17,52 | 22,44 | 40,43 | 39,37 |
| ENERGIA | 5,41 | 2,81 | 1,44 | 0,90 | 0,70 | 0,44 | 0,39 | 0,85 | 4,43 | 8,29 |
| MANUFATURAS | 70,52 | 78,44 | 84,44 | 88,62 | 89,41 | 50,41 | 63,26 | 31,32 | 19,41 | 14,87 |
| Manufaturas RRNN | 3,44 | 2,83 | 3,72 | 3,38 | 2,76 | 7,84 | 9,70 | 8,66 | 6,50 | 5,08 |
| Manufaturas Não RRNN | 67,08 | 75,61 | 80,72 | 85,24 | 86,65 | 42,57 | 53,56 | 22,66 | 12,91 | 9,79 |
| OUTROS | 0,02 | 0,08 | 0,02 | 0,04 | 0,02 | 2,67 | 0,96 | 0,22 | 0,30 | 0,59 |

FONTE: Elaboração própria em base a TradeCan 2012. Segundo a CUCI Rev. 2 reagrupada por Mandeng (1993:190)

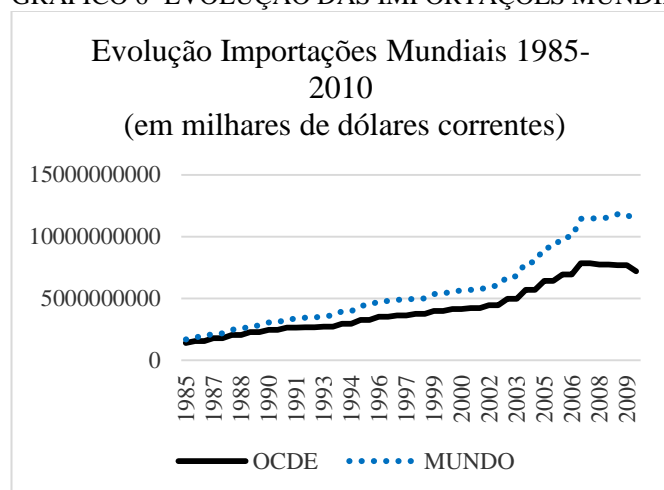
ANEXO 2 – TABELAS COM DADOS REFERENTES ÀS QUOTAS DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS. POR MERCADOS. (TRADECAN 2012)

TABELA 8- QUOTA DE MERCADO NAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em %)

| Bloque Importador | 1985 | 1990 | 2000 | 2007 | 2010 |
|-------------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| OCDE | 83,20 | 80,70 | 73,66 | 68,46 | 64,19 |
| MERCOSUL | 1,32 | 1,04 | 1,54 | 1,63 | 1,89 |
| ÁSIA EM DESENVOLVIMENTO | 11,85 | 14,87 | 19,21 | 24,42 | 28,12 |

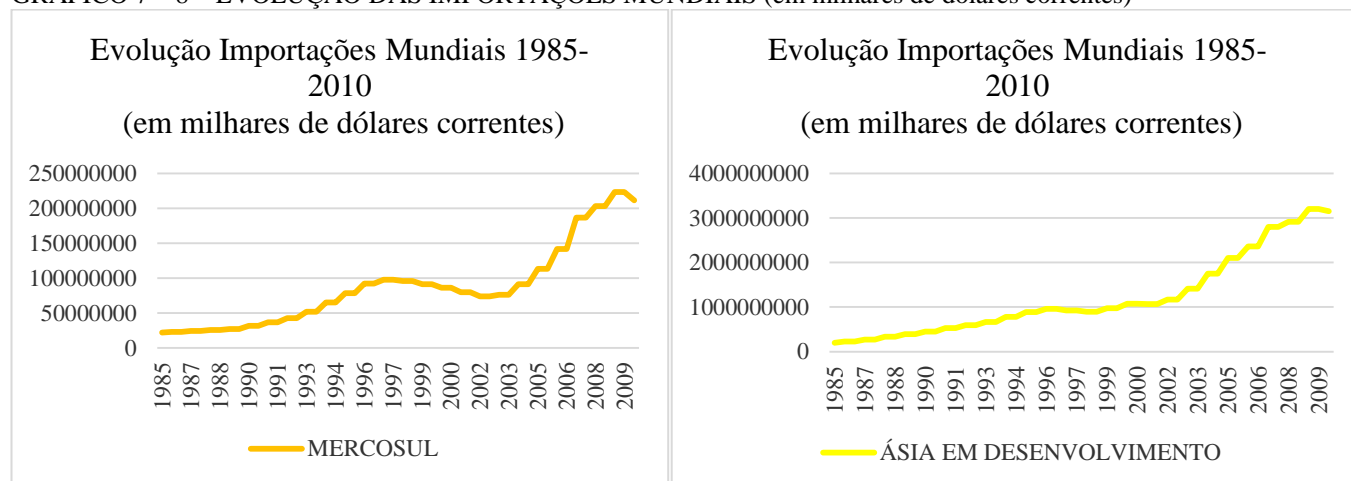
FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 6- EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas

GRÁFICO 7 – 8 – EVOLUÇÃO DAS IMPORTAÇÕES MUNDIAIS (em milhares de dólares correntes)



FONTE: Elaboração própria com base em TRADECAN 2012 - CEPAL - Nações Unidas